



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Tátyla Rayane Barbosa de Souza

A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA DA PSICOTERAPIA PESSOAL DURANTE A
FORMAÇÃO: uma percepção dos acadêmicos de psicologia de uma instituição de ensino
superior privada de Palmas – TO

Palmas – TO

2018

Tátyla Rayane Barbosa de Souza

A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA DA PSICOTERAPIA PESSOAL DURANTE A
FORMAÇÃO: uma percepção dos acadêmicos de Psicologia de uma instituição de ensino
superior privada de Palmas – TO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) elaborado e
apresentado como requisito parcial para aprovação na
disciplina de TCC II do curso de Psicologia pelo Centro
Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Me. Carolina Santin Cótica
Pinheiro.

Palmas – TO

2018

Tátyla Rayane Barbosa de Souza
A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA DA PSICOTERAPIA PESSOAL DURANTE A
FORMAÇÃO: uma percepção dos acadêmicos de Psicologia de uma instituição de ensino
superior privada de Palmas – TO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) elaborado e
apresentado como requisito parcial para aprovação na
disciplina de TCC II do curso de Psicologia pelo Centro
Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa Me. Carolina Santin Cótica Pinheiro

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me. Carolina Santin Cótica Pinheiro.
Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. Me. Izabela Almeida Querido
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. Esp. Thais Moura Monteiro
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2018

RESUMO

A presente pesquisa se propôs identificar qual a relevância da prática da psicoterapia pessoal durante a formação acadêmica a partir da percepção dos acadêmicos de psicologia do último ano do curso. Esta se trata de uma pesquisa exploratória e descritiva de abordagem quantitativa. A mesma foi realizada com 19 acadêmicos de psicologia de uma instituição de ensino superior privada de Palmas - TO, que estão no último ano do curso e realizam estágio em ênfase clínica. Foi utilizado um questionário fechado elaborado pela pesquisadora e dividido em duas partes principais: Perfil geral dos acadêmicos matriculados no estágio curricular em ênfase clínica e relevância da prática psicoterápica pessoal que ainda foi dividida em três categorias. Referente ao perfil geral dos acadêmicos obteve-se como resultado que 84% são do sexo feminino e 16% do sexo masculino. Em relação à faixa etária, 89,5% tinham entre 16 e 20 anos, e 10,5% entre 26 e 30 anos de idade. Referente ao período cursado 37% são acadêmicos do 9º e 68% 10º período. No perfil geral também foi feito um levantamento sobre a adesão à psicoterapia em algum momento de suas vidas e/ou no momento atual, deste modo, pode-se constatar que somente 42% já realizaram psicoterapia anteriormente e 26% realizam atualmente, tendo como principal motivação para procura da mesma o desenvolvimento do autoconhecimento. Em relação à prática da psicoterapia pessoal, conclui-se que a percepção dos acadêmicos sobre essa temática é de que ela é extremamente importante para a formação acadêmica, assim os participantes demonstram estar conscientes sobre esta prática no processo de formação, mais especificamente no último ano do curso, no entanto, os mesmos são incongruentes ao não aderirem ao processo, tendo como principal justificativa questões financeiras.

Palavras-chave: Prática da psicoterapia pessoal. Formação em Psicologia. Desenvolvimento pessoal e profissional.

ABSTRACT

The present research aimed to identify the relevance of the practice of personal psychotherapy during the academic formation from the perception of the psychology scholars of the last year of the course. This is an exploratory, quantitative approach. The same was done with 19 psychology students from a private higher education institution in Palmas - TO, who are in the last year of the course and carry out an internship in clinical emphasis. It was used a closed questionnaire elaborated by the researcher and divided in two main parts: General profile of the students enrolled in the curricular internship in clinical emphasis and relevance of the personal psychotherapeutic practice that was still divided into three categories. Regarding the general profile of the students, 84% were females and 16% males. Regarding the age group, 89, 5% were between 16 and 20 years old, and 10.5% between 26 and 30 years of age. Regarding the period studied 37% are academics of the 9th and 68% 10th period. In the general profile, a survey was also made on adherence to psychotherapy at some time in their lives and / or at the present time, so it can be seen that only 42% have previously performed psychotherapy and 26% motivation to seek the development of self-knowledge. Regarding the practice of personal psychotherapy, it is concluded that the perception of academics on this subject is that it is extremely important for academic training, so participants demonstrate to be aware of this practice in the training process, more specifically in the last year of course, however, they are inconsistent in not joining the process, having as main justification financial issues.

Keywords: Practice of personal psychotherapy. Training in Psychology. Personal and professional development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Disciplinas básicas e profissionalizantes descritas no currículo mínimo do curso de Psicologia no Brasil.....	15
Quadro 2: Instituições de ensino que ministram o curso de psicologia no Estado do Tocantins.....	18
Figura 1: Percentual de participantes que realizaram psicoterapia pessoal em algum momento de suas vidas e a durabilidade deste processo terapêutico.....	27
Figura 2: Porcentagem referente às razões que dificultam a realização da psicoterapia pessoal	28
Figura 3: Percentual de participantes que realizam psicoterapia atualmente e a duração desse processo.....	29
Figura 4: Porcentagem referentes à razões que motivaram os acadêmicos recorrer à psicoterapia pessoal no momento	29
Figura 5: Percentual sobre a relevância do acadêmico de Psicologia realizar psicoterapia durante o estágio.....	30
Figura 6: Percentual sobre a relevância da prática da psicoterapia pessoal como auxílio para atuação clínica.....	31
Figura 7: Porcentagem referente à visão da psicoterapia como solução para resolução de conflitos	32
Figura 8: Percentual referente à prática psicoterápica como ajuda pessoal para os acadêmicos de psicologia e a outras pessoas	33
Figura 9: Percentual referente á psicoterapia pessoal como requisito para formação	33
Figura 10: Porcentagem sobre a importância da supervisão clínica para os acadêmicos de psicologia	35
Figura 11: Percentual da psicoterapia pessoal como complemento importante para a formação acadêmica junto ao aos conhecimentos teóricos e práticos	36
Figura 12: Percentual relacionado à pratica da psicoterapia pessoal como um compromisso ético com a profissão	37
Figura 13: Percentual referente à psicoterapia pessoal como auxílio no autoconhecimento do formando em psicologia	39

Figura 14: Percentual referentes à psicoterapia pessoal como “instrumento” para lidar com a subjetividade do outro40

Figura 15: Percentual referente à necessidade do acadêmico de psicologia fazer psicoterapia pessoal desde o primeiro ano do curso41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil Geral dos acadêmicos participantes do estudo	26
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEULP	Centro Universidade Luterano de Palmas
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CFE	Conselho Federal de Educação
CNS	Conselho Nacional de Saúde
FACDO	Faculdade Católica Dom Orione
FIESTO	Faculdade Integrada de Ensino Superior de Colinas
ITPAC	Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos
MEC	Ministério da Educação
SEPSI	Serviço de Psicologia
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TO	Tocantins
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UnirG	Universidade de Gurupi

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PRÁTICA DA PSICOTERAPIA NO BRASIL	12
3 PSICOLOGIA CLÍNICA: FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO	15
4 FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA NO ESTADO DO TOCANTINS.....	18
5 O CUIDADO AO CUIDADOR.....	19
6 METODOLOGIA.....	23
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
7.1 PERFIL GERAL DOS ACADÊMICOS MATRICULADOS NO ESTÁGIO CURRICULAR EM ÊNFASE CLÍNICA	26
7.2 RELEVÂNCIA DA PRÁTICA PSICOTERÁPICA PESSOAL.....	30
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICES	50

1 INTRODUÇÃO

A psicoterapia pode ser definida a partir de suas características até à sua função, como será mencionada posteriormente no presente trabalho. Segundo Gomes (1995, p. 83), “a prática psicoterapêutica é tradicionalmente conhecida como sendo o exercício de uma arte”. O terapeuta, levando em consideração a singularidade de cada caso atendido, combina concepções teóricas e sensibilidade pessoal para amenizar o sofrimento psicológico de alguém (GOMES, 1995).

Desta forma, Soares e Silva (2014) acreditam que a formação em psicologia se estabelece em uma jornada melindrosa, pois, os acadêmicos se preparam para entender os processos causadores de sofrimento psicológico em seus pacientes/clientes, porém, simultaneamente, passam por processos que implicam também sua própria subjetividade. Deste modo, é pertinente refletir sobre tais aspectos: como o aluno, ou futuro psicólogo clínico, pode se tornar um bom profissional nesta área de atuação e até mesmo nas demais áreas disponíveis a ele? A integração de elementos teóricos e a prática são suficientes para que o acadêmico consiga lidar com as demandas apresentadas a ele durante o período de formação acadêmica? (SOARES; SILVA, 2014).

É notório que só a formação teórica acadêmica não é suficiente para uma boa atuação profissional, visto que o principal instrumento de trabalho do psicólogo é a sua pessoa, que estará sempre lidando com a subjetividade humana. Deste modo, Boris (2008) ressaltou que é a partir de suas relações com pacientes, colegas e supervisores que se articula o seu aprendizado na prática, o investimento em si torna-se imprescindível, ou seja, a psicoterapia viabilizará um encontro entre os respaldos teóricos e prática, bem como permitirá ao acadêmico autoconhecimento necessário para conseguir separar seus sentimentos dos de um possível cliente/paciente.

Não há diferença entre formação profissional do psicólogo e sua formação pessoal, ou seja, ambos os repertórios (pessoal e profissional) estão em estreita relação (MOURA, 1999), destarte, durante toda a formação o acadêmico sofre grandes influências e as desenvolvem gradativamente e quando se inicia a prática clínica é que ele (o acadêmico de psicologia) vai defrontar-se com suas dificuldades, medos e anseios. Neste sentido, é evidente que a realização da psicoterapia pessoal é de suma importância para que acadêmico consiga saber enfrentar a grande carga emocional desencadeada pelas novas experiências.

Ferreira Neto e Penna (2006) e Meira e Nunes (2005) também falam sobre a importância do autocuidado, ou seja, da psicoterapia individual durante a formação do

psicólogo, apesar de que essa não seja obrigatoriamente exigida nas universidades. Somente o conhecimento teórico não parece ser suficiente para que o aluno esteja preparado, de fato, para enfrentar as próprias questões subjetivas. Para isso, é de suma importância que ele possa contar com a sua psicoterapia pessoal, visto que a partir dela ele poderá entrar em contato com seus conteúdos emocionais e trabalhar para transformá-los em instrumento de trabalho (AGUIRRÉ et al, 2000).

Esta pesquisa partiu do pressuposto de que a prática da psicoterapia é sumamente importante e valorizada como complemento necessário para a formação.

O objetivo desta pesquisa foi descrever a relevância da psicoterapia pessoal para o processo de formação em Psicologia. Especificamente, a pesquisa buscou compreender as percepções dos acadêmicos matriculados no estágio em processos clínicos sobre esta temática. A pesquisa ainda teve como objetivos específicos identificar, teoricamente, quais as contribuições da psicoterapia na formação em psicologia e descrever como os acadêmicos de psicologia de uma instituição privada de Palmas – TO compreendem as variáveis do processo terapêutico na formação.

Portanto, os acadêmicos matriculados em ênfase clínica foram analisados por este estudo apoiando-se no seguinte questionamento: Qual a relevância da prática da psicoterapia pessoal para a formação, a partir da percepção dos acadêmicos de psicologia que fazem ênfase clínica em uma instituição de ensino superior privada de Palmas - TO?

Deste modo, afirma-se que esta pesquisa tem grande relevância, pois a partir dela poderá ser compreendido como e por que o processo psicoterapêutico contribui para a formação dos acadêmicos de psicologia que estão na fase de estágio em ênfase clínica, tal como a percepção dos pesquisados em relação à prática da psicoterapia pessoal durante sua formação. Além disso, poderá ser identificado o perfil desses futuros psicólogos em relação ao tema pesquisado, de onde surgem as influências para a prática da psicoterapia nessa fase da graduação e quais as dificuldades encontradas neste âmbito.

Essa pesquisa foi dividida em sete capítulos apresentados como prossegue: O capítulo “A prática da psicoterapia no Brasil”, traz um recorte histórico que se inicia com a lei 4.119/62 que regulamenta a profissão no País; no segundo capítulo foi abordado como se dá a formação em Psicologia no Brasil, os princípios e compromissos que o curso deve assegurar, bem como a importância da psicoterapia durante esse processo, que implica diretamente na subjetividade humana; no capítulo “Formação em psicologia no Estado do Tocantins” são explanadas informações sobre os cursos de Psicologia no Estado, evidenciando a grade mínima dos cursos e as competências profissionais que cada universidade se preocupa em

oferecer aos acadêmicos ao finalizar o curso. Em seguida, a metodologia informa o caminho percorrido para produzir este trabalho; o capítulo Resultados e Discussões analisam os elementos coletados pelas perspectivas teóricas adotadas; e, por fim, as considerações finais expõem as principais reflexões geradas por esse trabalho.

O estudo também poderá contribuir com informações relevantes para conscientizar e incentivar os acadêmicos à prática da psicoterapia pessoal, a investir nos cuidados de si próprio, visando melhor formação pessoal e profissional, dado que são estes que irão atuar futuramente no mercado de trabalho em prol da saúde mental da sociedade.

2 PRÁTICA DA PSICOTERAPIA NO BRASIL

A Psicoterapia é considerada uma área clássica da psicologia que compõe a identidade do psicólogo. Defini-la é uma missão laboriosa, pois surgem respostas desde as suas características cruciais à sua função. No dicionário Aurélio (on-line), por exemplo, encontra-se um significado referente “tratamento de doenças e problemas psíquicos através de um conjunto de técnicas que se baseiam numa relação interpessoal entre o paciente e o terapeuta”. No Dicionário Michaelis (on-line), encontramos um significado relativo à sua execução no campo médico: “um tratamento por métodos psicológicos” por meio de um conjunto de técnicas que visam tratar “moléstias mentais por persuasão, sugestão, psicanálise, atividades lúdicas ou de trabalho”.

No glossário da obra de Davidoff (2000, p. 769), ela define psicoterapia como “vários tratamentos psicológicos destinados a mudar o comportamento desajustado”. A mesma autora complementa a esse significado várias definições próprias de diferentes abordagens psicológicas, por exemplo, para Abordagem Psicanalítica a psicoterapia consiste em uma análise intensa e prolongada da vida psíquica do sujeito, investigando passado e presente.

Para a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), visa o processo de crescimento e a reconstrução do autoconceito, levando em consideração, principalmente, o aqui e agora. Em consonância, para a Abordagem Gestáltica a psicoterapia visa o reestabelecimento das capacidades inerentes ao crescimento. Faz-se necessário esclarecer que não é o foco do trabalho se ater a prática da psicoterapia a partir de cada abordagem, as que foram mencionadas acima foi somente como exemplos para clarificar os vários conceitos que a palavra psicoterapia pode ter.

Neste trabalho, a psicoterapia será mais adiante abordada como um elemento de suma importância para o desenvolvimento pessoal e profissional do psicólogo, cujo processo já se inicia dentro da graduação. Uma vez que segundo Aguirre et al. (2000), a psicoterapia possibilita a identidade profissional do psicólogo simultaneamente com o conhecimento teórico e prático, já que esses elementos teóricos só podem ser “internalizados e processados em uma psicoterapia pessoal que torne possível o conhecimento do mundo interno e a utilização dos recursos pessoais na investigação e compreensão dos processos psíquicos” (AGUIRRÉ et al, 2000, p. 06).

Em 20 de Dezembro de 2000 foi criada a resolução do CFP nº 010/00, que especifica e qualifica a Psicoterapia como prática do Psicólogo, constando no art. 1º que

Psicoterapia é prática do psicólogo por se constituir, técnica e conceitualmente, um processo científico de compreensão, análise e intervenção que se realiza através da aplicação sistematizada e controlada de métodos e técnicas psicológicas

reconhecidas pela ciência, pela prática e pela ética profissional, promovendo a saúde mental e propiciando condições para o enfrentamento de conflitos e/ou transtornos psíquicos de indivíduos ou grupos.

Sabe-se que a psicologia clínica herdou da medicina sua própria denominação, e em função de suas origens do modelo médico, ela enfrentou grandes problemas. Hoje a psicologia clínica é ainda, por vezes, considerada a grande responsável pelos entraves ao reconhecimento legal da profissão de psicólogo (VELLOSO, 1982).

Anterior à regulamentação da profissão, a “psicologia era exercida principalmente por médicos e profissionais ligados à educação, sendo que a formação em filosofia se dedicava mais especificamente à matéria” (CHAVES, 1992, p. 4). O autor diz que somente quando a Universidade de São Paulo criou uma cadeira específica para a matéria, a Psicologia se tomou presente em todas as licenciaturas.

Chaves (1992) relatou a análise de Regina Helena de Freitas Campos sobre os 30 anos de regulamentação da profissão, segundo ele, ela descreve que antes mesmo da regulamentação da profissão, a “Psicologia existiu como um domínio de saberes e técnicas visando o conhecimento e a intervenção sobre a ação e a reflexão humana” (p. 5).

Entretanto, existia uma esperança de que

o saber científico e o domínio de uma tecnologia de análise e manipulação da natureza humana viessem a contribuir para a resolução de problemas e conflitos de natureza psicológica crescentemente observados na sociedade contemporânea (CHAVES, 1992, p. 5-6).

Então, o mesmo autor expõe que a regulamentação da profissão surgiu para simbolizar a delimitação da existência deste domínio técnico-científico.

A Associação Brasileira dos Psicólogos, criada em 1954, foi a primeira organização representativa da profissão, com sede no Rio de Janeiro (ROCHA JR., 1999). De acordo com Chaves (1992, p. 4) essa associação

elaborou, também, um anteprojeto de lei objetivando a regulamentação da profissão de psicologista, como na época era denominada a profissão. Havia, naquela época, um movimento no sentido de oficialização da profissão. Os profissionais, através desse movimento organizado, pretendiam traçar os limites de atuação, definindo os espaços específicos da Psicologia. Aconteciam, com esse objetivo, reuniões simultâneas em diversos estados.

O movimento resultou na criação da lei 4.119, que dispõe os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de Psicólogo, regulamentação esta que veio encontrar a grande maioria dos psicólogos atuando em instituições, visto que a atuação em consultórios ainda era bastante restrita. Os anos que seguiram à regulamentação foram caracterizados por defesas do campo profissional, como limitações da atuação do psicólogo e ocupação de espaços que ainda eram tomados por médicos (CHAVES, 1992), visto que, segundo

Dimenstein (1998), na época houve uma luta acirrada entre as duas categorias profissionais, ambas contestavam a competência exclusiva no mercado de trabalho.

Essa conquista, que tanto foi desejada por uma gama de pessoas que lutaram intensamente, definiu legalmente a posição dos psicólogos junto a outros profissionais, assim sendo estabelecidas atividades privativas da Psicologia (VAN COLCK, 1975), ou seja, não extensível a outros profissionais, conforme artigo 13, § 1º a “utilização de métodos e técnicas psicológicas com os seguintes objetivos: (a) diagnóstico psicológico; (b) orientação e seleção profissional; (c) orientação psicopedagógico; (d) solução de problemas de ajustamento” (p. 2).

Segundo Dimenstein (1998), após a regulamentação da profissão de psicólogo as principais áreas nas quais o profissional passou a atuar foram: clínica, escolar, industrial e magistério. Essas áreas, principalmente, a clínica, que houve expansão extraordinária, de acordo com Rocha Jr. (1999, p. 4) “procurava preencher os espaços de uma sociedade carente quanto aos serviços de Psicologia atendia às próprias instituições que começavam a valorizar o trabalho dos profissionais de Psicologia”. Além do mais, em 1960 formou a primeira turma de Psicologia, na PUC do Rio de Janeiro, assim começaram aparecer várias especialidades nas atividades práticas, bem como em reuniões científicas, indicando, assim, o fortalecimento e crescimento da profissão (ROCHA JR., 1999).

Entretanto, as conquistas da psicologia até então adquirida foram detidas, devido o golpe militar de 1964 e instalação de um regime repressivo no país. Logo, houve mudanças no currículo, por decisão do Ministério da Educação, que neste momento instituiu a Psicologia comunitária. Assim, a pretensão do Estado era o desenvolvimento de técnicas que possibilitassem a penetração em vários grupos da sociedade, com objetivo de seduzi-los às práticas do Estado (ROCHA JR., 1999; CHAVES, 1992).

Ainda de acordo com Rocha Jr. (1999), houve em 1970, grande incentivo à privatização do ensino, o que ocasionou o aumento do número de cursos de Psicologia. Chaves (1992) considerou esse acontecimento bastante ruim para a ciência e profissão, pois algumas escolas não tinha controle e demonstrava baixa qualidade de ensino, o que não era favorável para os estudantes.

Nesses trinta e um anos, houve dois momentos compactos de transformação: o primeiro, entre 1970 e 1980, que objetivava reestruturar o currículo mínimo, porém não passou de um "acrécimo" de disciplinas; o segundo, entre os anos de 1991 e 1999, quando as discussões parecem mais alicerçadas e capazes de unir os profissionais em torno da formação profissional (ROCHA JR., 1996).

Compreende-se que deste a regulamentação da profissão as pessoas e órgãos envolvidos nesta conquista, lutam pelo reconhecimento merecido, bem como pelo o desenvolvimento da psicologia como ciência e profissão. Desta forma, o próximo capítulo trará informações acerca de como se dá, na contemporaneidade, a formação dos psicólogos clínicos, onde poderão ser visualizadas as mudanças ocorridas e as críticas ainda existentes sobre o currículo mínimo para a formação.

3 PSICOLOGIA CLÍNICA: FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

Após a regulamentação da profissão, o Conselho Federal de Educação (CFE) estabeleceu um currículo mínimo, que devem ser complementados por disciplinas de interesse de cada instituição, assim criando suas grades curriculares.

Por regimento federal, a formação do psicólogo ocorre em curso universitário de pelo menos cinco anos de duração, que exige o mínimo de 4.050 horas-aula e um total de 500 horas de estágio curricular (VAN COLCK, 1975).

Segundo Mello (1989), o currículo mínimo do curso de Psicologia para o Bacharelado e Licenciatura compreende sete disciplinas básicas e ainda as disciplinas profissionalizantes, apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 1: Disciplinas básicas e profissionalizantes descritas no currículo mínimo do curso de Psicologia no Brasil

Disciplinas Básicas	Disciplinas Profissionalizantes
Fisiologia	Técnicas de Exame e Aconselhamento Psicológico
Estatística	Ética Profissional
Psicologia do Desenvolvimento	Psicologia do Excepcional
Psicologia da Personalidade	Dinâmica de Grupo e Relações Humanas
Psicologia Social	Pedagogia Terapêutica
Psicopatologia Geral	Psicologia Escolar e Problemas da Aprendizagem
Psicologia Geral e Experimental	Teorias e Técnicas Psicoterápicas
	Seleção e Orientação Profissional
	Psicologia da Indústria

Fonte: MELLO, 1989.

Desta forma, acredita-se que as instituições universitárias que ofertam o curso de Psicologia são compostas por um currículo completo (VAN COLCK, 1975). De acordo com o Ministério da Educação (MEC), a partir do parecer nº: cne/ces 1.314/2001 compreende-se que

as diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Psicologia foram organizadas em uma estrutura cuja sequência e conteúdo são articulados em

princípios e fundamentos, que orientam o planejamento, a implementação e a avaliação do curso de Psicologia (p. 1).

A organização estrutural presume o curso diferenciando-se em três perfis de formação, sendo estes: o bacharel em Psicologia, o professor de Psicologia e o psicólogo. “Essa diferenciação apoia-se em um núcleo comum de formação que estabelece uma base homogênea no país e uma capacitação básica para o formando lidar com os conteúdos da Psicologia, enquanto campo de conhecimento e de atuação” (MEC, 2001, p.1).

Destarte, consta no parecer nº: cne/ces 1.314/2001 como princípios e compromissos que a formação no curso de Psicologia deve assegurar:

- a) Construção e desenvolvimento do conhecimento científico em Psicologia;
- b) Compreensão dos múltiplos referenciais que buscam apreender a amplitude do fenômeno psicológico em suas interfaces com os fenômenos biológicos e sociais;
- c) Compreensão crítica dos fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do País, fundamentais ao exercício da cidadania e da profissão;
- d) Atuação em diferentes contextos considerando as necessidades sociais, os direitos humanos, tendo em vista a promoção da qualidade de vida dos indivíduos, grupos, organizações e comunidades;
- e) Respeito à ética nas relações com clientes e usuários, com colegas, com o público e na produção e divulgação de pesquisas;
- f) Aprimoramento e capacidades contínuas

Todo o processo de formação deve incluir, de forma gradual, atividades acadêmicas que aproximem o formando do exercício profissional, com intuito de familiarizá-lo com as atividades correspondentes às competências previstas para a sua formação (MEC, 2001).

De acordo com Martins, Matos e Maciel (2009) tal formação deve assegurar um comprometimento com a ética e a qualidade dos serviços que futuramente o profissional venha a dedicar à sociedade, bem como ser uma formação que não cesse na graduação, mas que prossiga por meio de ofertas de especializações, mestrados e doutorados.

No que se refere a formação clínica, Van Colck (1975), acredita que a oportunidade de aperfeiçoamento científico e humanístico do psicólogo são os programas de pós-graduação e especialização em Psicologia clínica, pois o primeiro é estruturado com o objetivo de formar o pesquisador e professor. Já o último se organiza com ênfase maior na prática clínica.

Ainda no parecer nº: cne/ces 1.314/2001 são apresentados como competências básicas do formado em Psicologia:

- a) Identificar e analisar necessidades de natureza psicológica, diagnosticar, elaborar projetos, planejar e intervir de forma coerente com referenciais teóricos e características da população-alvo;
- b) Identificar, definir e formular questões de investigação científica no campo da Psicologia, vinculando-as a decisões metodológicas quanto à escolha, coleta, e análise de dados em projetos de pesquisa;
- c) Escolher e utilizar instrumentos e procedimentos de coleta de dados em Psicologia, tendo em vista a pertinência e os problemas quanto ao uso, construção e validação;

- d) Avaliar problemas humanos de ordem cognitiva, comportamental e afetiva, em diferentes contextos;
- e) Saber buscar e usar o conhecimento científico necessário à atuação profissional, assim como gerar conhecimento a partir da prática profissional;
- f) Coordenar e manejar processos grupais, considerando as diferenças de formação e de valores dos seus membros;
- g) Atuar inter e multiprofissionalmente, sempre que a compreensão dos processos e fenômenos envolvidos assim o recomendar;
- h) Relacionar-se com o outro de modo a propiciar o desenvolvimento de vínculos interpessoais requeridos na sua atuação profissional;
- i) Elaborar relatos científicos, pareceres técnicos e outras comunicações profissionais, inclusive materiais de divulgação.

Essas competências devem se apoiar nas habilidades de:

- a) Levantar informação bibliográfica através de meios convencionais e eletrônicos;
- b) Ler e interpretar comunicações científicas e relatórios técnicos na área da Psicologia;
- c) Utilizar os métodos experimental, de observação e outros métodos de investigação científica;
- d) Planejar e realizar entrevistas com diferentes finalidades e em diferentes contextos;
- e) Analisar, descrever e interpretar relações entre contextos e processos psicológicos e comportamentais;
- f) Analisar, descrever e interpretar manifestações verbais e corporais como fontes primárias de acesso a estados subjetivos;
- g) Utilizar recursos da matemática, da estatística e da informática para a análise e apresentação de dados e para a preparação das atividades profissionais em Psicologia.

No entanto, Ferreira Neto e Penna (2006) discutem a formação acadêmica do Psicólogo e considera uma relação existente entre clínica e ética neste âmbito. Os autores também discutem sobre a proposta das diretrizes curriculares, e denotam que “o desenvolvimento científico da psicologia, o reconhecimento das diversidades nos contextos de atuação atuais e o exercício da cidadania são as três linhas-mestras que organizam o texto das Diretrizes Curriculares” (FERREIRA NETO; PENNA, 2006, p. 388).

Ainda de acordo com Ferreira Neto e Penna (2006), a formação na área clínica ainda necessita de um preparo acima do que é proposto nas diretrizes curriculares. Pois nelas são inexistentes orientações necessárias para auxiliar o trabalho ético sobre si mesmo que a formação exigiria.

Os mesmos autores afirmam que um elemento fundamental no exercício da clínica é a “práticas de si”, conceito este que sua expressão remete a “práticas de si mesmo”. Foulcault (2010) traduz este termo de modo a esclarecer que “práticas de si” é uma atitude para consigo mesmo e para com os outros. A partir de tais atitudes e atenção mais voltadas para seu próprio “Eu”, é possível promover ações de mudanças em si mesmo, em consequência disso poderá cuidar bem do outro.

Isso nos remete a ideia de como a psicoterapia pessoal é sumamente importante na formação acadêmica, dado que ela possibilita segundo Ferreira Neto e Penna (2006) e Boris (2008) o desenvolvimento do estudante enquanto pessoa, o reconhecimento de si próprio, de seus medos, angústias, limites e potencialidades, bem como, permite que vivencie na prática, o processo psicoterapêutico.

Mais adiante, no capítulo 5, essa temática será mais bem detalhada, com o objetivo de explicar por que a psicoterapia pessoal durante a formação acadêmica é inteiramente importante.

4 FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA NO ESTADO DO TOCANTINS

O curso de Psicologia é ministrado em 6 (seis) instituições de ensino no Estado do Tocantins, como consta no quadro a seguir:

Quadro 2: Instituições de ensino que ministram o curso de psicologia no Estado do Tocantins

Instituições	Cidades
Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA)	Palmas
Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Miracema
Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC)	Araguaína
Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)	Araguaína
Centro Universitário UnirG (Campus II)	Gurupi
Faculdade Integrada de Ensino Superior de Colinas (FIESC)	Colinas

Fonte: Ministério da Educação.

No CEULP/ULBRA o curso de bacharel em Psicologia foi criado em 2000, desde então sua modalidade é presencial, com duração de dez semestres. De acordo com o site da instituição, o mesmo proporciona aos acadêmicos os conhecimentos necessários para a produção de intervenções voltadas à promoção, intervenção e prevenção da saúde psíquica humana.

A UFT, localizada na cidade de Miracema – TO oferece o curso de Psicologia desde o ano de 2015, segundo as informações que se encontram no site da instituição de ensino, o curso é ministrado em tempo integral com duração de nove semestres e ao final o aluno receberá o título de bacharel em Psicologia. Consta no site da própria universidade que os objetivos do curso são além de formar psicólogos voltados para a atuação profissional, para a pesquisa e para o ensino de Psicologia, possibilitar atuação interdisciplinar comprometida com a transformação social; oportunizar a formação de psicólogos que desempenhem com assiduidade a ética profissional na produção de saberes psicológicos, bem como na aplicação de métodos e técnicas de trabalho; garantir a experiência de práticas de pesquisa e extensão,

que proporcionem o desenvolvimento do conhecimento inovador e da junção entre saber teórico e prático profissional.

O curso de Psicologia na ITPAC tem como objetivos formar psicólogos, com uma visão ampla do processo saúde/doença, com competências técnica-científica, política, social, educativa, administrativa, investigativa, ecológica, cultural e ética para o exercício profissional da psicologia, bem como no contexto da prevenção e promoção da saúde e nos processos clínicos, com o intuito de assegurar a integralidade da saúde acompanhamentos mais humanizados. Nesta instituição o curso tem durabilidade de dez semestres, em que o grau de formação é de bacharelado e formação complementar em licenciatura.

Já na FACDO, de acordo com o portal da universidade sua matriz possibilita um conhecimento geral da Psicologia para que o aluno consiga trabalhar em diversas áreas de atuação, tendo como ênfase a Psicologia e Processos de Prevenção e Saúde e Psicologia e Processos Clínicos, justamente pensando na região de Tocantins. O curso foi implantado na mesma em 2015 e tem duração mínima de oito semestres e máximo de quatorze.

A FIESTO/UNIESP declara a partir de seu site que busca oferecer ao aluno uma formação na qual seus conhecimentos possam se estender à vários campos, que lhe permita a percepção e a compreensão geral do mundo em que vive, e ainda, formar o psicólogo voltado para a atuação profissional em diversos contextos sociais, bem como sua atuação na prevenção e promoção da saúde das pessoas consideradas individualmente e como grupo social. O curso é de tempo integral. Informações complementares não constam no site pesquisado.

Por último temos ainda a UnirG, que oferece o curso de licenciatura em Psicologia para alunos e/ou egressos de Psicologia, esta escolha, segundo as informações do site é devido a necessidade de complementação que prepare os profissionais da área para atuarem no desenvolvimento de políticas públicas de educação, na educação básica, em cursos profissionalizantes e técnicos, entre outros.

5 O CUIDADO AO CUIDADOR

Boff (1999) fala sobre o cuidado, e ressalta que este representa mais do que um momento de atenção. Na realidade, é uma atitude de preocupação, envolvimento afetivo e responsabilização com o ser cuidado. Segundo o mesmo autor, o cuidado apenas surge quando a existência do outro adquire significado para si mesmo. Desta forma, o indivíduo passa a cuidar e participar constantemente das buscas e sofrimentos do outro.

Mediante a noção de cuidado de Boff, questiona-se em como se dá o cuidado de quem cuida. A fenomenologia, Segundo Monzani (2005) preocupa-se com o aspecto social do ser, passando a pensar em como ele vive o seu ser-com-os-outros, como ele se relaciona, sente e vive com os indivíduos que estão ao seu redor. A busca pelo contato, com outros homens, outras existências faz parte do ser humano. Desta forma, sabe-se que os profissionais de saúde são aqueles que têm maior responsabilidade em cuidar da saúde do homem, por meio desse contato. A mesma autora relata que na “perspectiva ontológica de Heidegger, o profissional de saúde tem o seu ser-aí envolvido com o ser-que-está-doente, e a partir do momento que assume o cuidado do paciente, passa a ser-com-o-outro e essa relação sempre afeta, de alguma maneira, a sua existência” (MONZANI, 2005, s/p).

Faleiros (2004), relatou ser de grande responsabilidade e complexidade “o dever de responder terapeuticamente ao pedido de ajuda de outro ser humano” (p. 15) por isso deve-se ter maior consciência e discernimento do futuro psicólogo sobre a visão a respeito do que é ser psicoterapeuta, bem como sua implicação de ordem prática na qualidade de seu desenvolvimento e formação profissional.

Machado, Caldas e Bertonecelo (1997), salientaram a necessidade do ensino das profissões de saúde passar por mudanças, referindo-se ao incentivo ao cuidado pessoal, bem como a criação de novos modelos de recursos humanos em saúde, uma vez que são cada vez mais evidentes sinais de esgotamento nos acadêmicos.

Dentro os desafios que a formação do psicólogo permeia, Valle ressaltou durante uma entrevista dada a Anzolin e Silveira (2003), que um deles é a de possibilitar de alguma forma que o entendimento do autocuidado seja uma constante. O autor considera que o Psicólogo por trabalhar com situações limites é fundamental que cuide de sua saúde mental, dado que

o psicólogo precisa pensar na sua saúde mental e na necessidade de fazer terapia pessoal, o que não pode ser imposto. Mas deve-se associar o tratamento pessoal a um valor tão forte que o próprio aluno busque sua terapia e entenda que, para se colocar como um psicólogo, para trabalhar no crescimento das pessoas e nos relacionamentos, é preciso que ele mesmo se desenvolva pessoalmente (ANZOLIN; SILVEIRA, 2003, p.13).

Leoni (1996 apud ESPERIDIÃO; MUNARI; STACCIARINI, 2002) fala sobre a importância da busca pelo autoconhecimento nesse processo de formação, pois no início o indivíduo passa por inúmeras crises, ou possibilidade de que a mesma venha a acontecer, e querendo ou não ele leva tudo isso para o encontro com seu cliente. Aqui inclui-se todos os conflitos e problemas existenciais não resolvidos, bem como as dificuldades vivenciais que, evidentemente, o curso não dá subsídios para que o acadêmico consiga superar.

Para ser capaz de colocar sua própria experiência a serviço do outro, contribuir para o cliente o crescimento do cliente, é preciso que o psicoterapeuta iniciante saiba qual é essa experiência, saiba de si. “Não apenas o que e como pensa, mas o que e como percebe, sente, imagina, espera, recorda e faz na relação com o outro. É necessário que aprenda o que é seu e o que é da outra pessoa; quais as sensações, emoções e impressões advindas dessa relação” (CARDELLA, 2002, p. 96).

O psicoterapeuta em formação deve submeter-se a seu próprio processo psicoterápico não somente devido às suas queixas, mas principalmente, pelo o que isso simboliza em termos de responsabilidade e cuidado com o outro. No entanto, isso dependerá da mudança de pensamento dos próprios profissionais, que ainda são resistentes a isto (DUTRA, 2009).

Calligaris (2004) ressaltou que a psicoterapia não pode ser somente uma demonstração pedagógica abstrata, não pode ser limitada a um fazer de conta no qual se transmite algumas técnicas. Ao invés disso, espera-se que, nesta vivência, o futuro terapeuta entre em contato com a complexidade de suas motivações, sintomas e fantasias conscientes e inconscientes. Da mesma forma, Ribeiro (1986) afirmou que, ainda que a psicoterapia vise à pessoa do cliente, é indispensável uma reflexão oportuna sobre a pessoa do terapeuta, já que ele é mais importante que o método que lida. “É mais significativo o que faz, transmite e vive que as técnicas ou a visão filosófica em que se fundamenta” (p. 16).

O cuidado é uma forma de se integrar um sujeito ético e moral no exercício profissional, uma vez que o mesmo representa uma atitude não só para consigo, mas para com os outros e para com o mundo. Podendo ser visto como um modo “de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro” (PETERSEN, 2011, p. 9018). “Cuidar de si implica que se converta o olhar [...] do exterior, dos outros, do mundo, etc. para “si mesmo”. O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento.” (FOUCAULT, 2010, p. 11-12, apud PETERSEN, 2011, p. 9018).

A relação terapêutica exige muito do profissional, uma vez que ele como qualquer outra pessoa tem a sua história, vivenciou e/ou vivencia conflitos, no entanto, essas vivências que geralmente são tocadas e ativadas, não devem ser expressas pelo profissional. As autoras ainda reiteram que o impacto da psicoterapia na pessoa do psicoterapeuta é uma dimensão negligenciada, e que este impacto pode ser sentido a três níveis:

o facto de o terapeuta também ser uma pessoa com uma história de vida e memórias que podem ser activadas a qualquer momento; 2) o facto de o exercício de psicoterapia implicar a tarefa de lidar com o sofrimento do cliente, e às vezes a impotência para o atenuar; 3) o facto de na sua atividade ser exposto a histórias

potencialmente traumáticas que lhe são trazidas pelos clientes (FERNANDES; MAIA, 2008, p. 50).

Boris (2008) citou Cardoso (1985) que apontou o fato de que muitos psicoterapeutas iniciantes vivenciam experiências semelhantes aos de seus clientes, o que pode gerar dificuldade de contato ou envolvimento extremo, como forma de tentar resolver seus próprios problemas por meio do outro, bem como a realização inadequada das intervenções, levando o paciente à desistência de seu processo psicoterápico, ou ao distanciamento, se não o abandono concreto. O autor ressalta que especialmente em situações como estas, é fundamental que o psicoterapeuta procure suporte no seu próprio processo psicoterápico, bem como na supervisão de profissionais experientes e competentes.

Cardella (2002, p. 93) enfatizou que “o aprendiz vivenciará no exercício de sua profissão a perda constante de estabilidade, o deslocamento de seus referências no encontro com o outro, a descoberta de seus pontos cegos e do desconhecido em si mesmo e o cotidiano “estranhamento””. Desta forma, a mesma autora acredita que na formação de psicoterapeutas é importante que existam oportunidades para tais experiências, nas quais propicie ao aluno a possibilidade de conhecer e desconhecer a si mesmo. A psicoterapia pode ser uma das ferramentas usadas para a ampliação do campo de conhecimento sobre si mesmo, assim sendo útil para aprimorar a qualidade da formação.

Se o principal material de trabalho do psicólogo é sua própria pessoa, que está constantemente em formação pessoal, concomitantemente com o crescimento e formação profissional como sanciona Soares e Silva (2014), e que a psicoterapia é uma das principais ferramentas para este crescimento, cabe aos acadêmicos e futuros psicólogos questionar-se sobre este viés. Se há a consciência que psicoterapia faz bem para o outro, porque ela não seria útil para si mesmo?

Nota-se que a psicoterapia pessoal ou o cuidado de si, como trata alguns autores, é sumamente importante para a formação do psicólogo, igualmente para a constituição deste profissional na sua vida pessoal, o que é parte significativa dentro da profissão de psicólogo. Estar no lugar de cliente, sentir-se cuidado pelo outro, e poder vivenciar esta face, proporciona a conscientização de como é estar deste lado, podendo então tomar para si no desempenho profissional, a forma da qual gostaria de ser tratado durante este processo.

6 METODOLOGIA

A pesquisa teve como objetivo compreender a relevância da prática da psicoterapia pessoal para os acadêmicos de psicologia que estão em fase de estágio em ênfase clínica de uma instituição de ensino superior privada de Palmas – TO, com vistas a identificar quais as variáveis inclusas no processo terapêutico na formação. É uma pesquisa aplicada, pois almeja produzir conhecimentos para aplicação de seus resultados contribuindo para fins práticos (BOENTE; BRAGA, 2004).

A mesma é ainda de natureza exploratória e descritiva, uma vez que irá buscar aprofundar conhecimento, com intuito de tornar mais explícito a percepção dos estudantes de psicologia sobre a psicoterapia durante a formação acadêmica, procurando também descrever os fatores e características que respondam o problema (GIL, 2002). Quanto a abordagem, ela é quantitativa, pois os resultados são compreendidos como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A mesma ainda centra-se na objetividade, e compreendida com base na análise dos dados brutos, através do uso de instrumentos padronizados ou neutros (FONSECA, 2002).

A amostra da pesquisa foi do tipo amostra por conveniência. Esta amostra consiste em selecionar uma população que seja acessível e que podem representar um universo, logo indivíduos que estão prontamente disponíveis para participar da pesquisa voluntariamente (LEVY; EMESHOW, 1980 apud MAROTTI et. al. 2008, p. 188).

Trata-se de acadêmicos de psicologia que estão em fase de estágio em ênfase clínica, sendo elas em diferentes abordagens psicológicas. Todos os participantes realizam o estágio no Serviço Escola de Psicologia (SEPSI) do CEULP/ULBRA. Ele hoje funciona no Núcleo de atendimento a comunidade (NAC) localizada em Palmas - TO, um espaço em que a instituição oferece para que seus futuros profissionais tenham uma aproximação com a prática. Desta forma, vale ressaltar que a pesquisa foi realizada em uma sala de descanso dos estagiários do local mencionado.

Um total de 49 acadêmicos encontrava-se dentro dos critérios de inclusão da pesquisa, sendo que somente 19 estudantes (39% da população-alvo) responderam o questionário estruturado sugerido para a coleta de dados. Considera-se que a baixa adesão na participação da pesquisa por parte dos acadêmicos, tenha sido por indisponibilidade de tempo dos mesmos, visto que o questionário foi aplicado dentro do ambiente de estágio, onde todos desenvolvem suas obrigações diariamente.

Como envolve pesquisa com seres humanos na área da saúde, o presente projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil para análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do

Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), sendo aprovado em 27/11/2017 com o parecer de número 79929217.6.0000.5516. Os acadêmicos de psicologia foram convidados a participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme os princípios éticos da resolução do CNS 466/12.

O TCLE (apêndice A) foi lido em conjunto entre pesquisador e cada participante, para esclarecimento de eventuais dúvidas quanto ao seu conteúdo e posterior assinatura, conforme os princípios éticos da resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/12.

Como critério de inclusão foram convidados a fazer parte da pesquisa, acadêmicos que realizam o estágio em ênfase clínica, mediante concordância em assinar do TCLE. Sendo os critérios de exclusão acadêmicos que tenham por quaisquer motivos trancado o curso e retornaram, podendo assim estar realizando estágio em ênfase durante a coleta de dados, bem como aqueles que por quaisquer motivos não aceitarem o convite para responder o questionário mediante assinatura do TCLE.

Esta pesquisa poderá trazer danos psíquicos, como constrangimentos, desconforto e ansiedade para os acadêmicos participantes, pois o mesmo levantará variáveis de cunho pessoal, econômico e social. Diante desta possível situação, caberá ao pesquisador responsável realizar encaminhamento para a rede de atendimento do SUS.

A pesquisa apresentou cuidados éticos, preservando o anonimato dos participantes, com garantia de manutenção do sigilo e da privacidade durante todas as fases da pesquisa resguardando a imagem de todos. No entanto, caso alguma informação sigilosa seja divulgada por motivos que fujam à intenção da pesquisadora, ou outros prejuízos quaisquer vinculados à realização da pesquisa, os participantes têm o direito de indenização por parte do pesquisador e das instituições envolvidas.

O benefício envolvido nesta pesquisa refere-se à conscientização da importância da psicoterapia durante a formação acadêmica, partindo do princípio de que são profissionais que lidam com a subjetividade do outro e isso implica também a sua subjetividade. A partir dessa compreensão os resultados da pesquisa pode levar a comunidade acadêmica a refletir sobre esse processo terapêutico que abarca ambos - o cliente e ele mesmo - e perceber que o investimento na psicoterapia individual é uma “ferramenta” para melhor desenvolvimento de sua profissão.

Foi utilizado para a coleta de dados um questionário fechado que contemplam as seguintes áreas: perfil geral dos acadêmicos e a relevância da prática psicoterápica para a formação acadêmica.

Primeiramente, a acadêmica pesquisadora apresentou a proposta de estudo para a coordenadora do SEPSI, que por sua vez autorizou no dia 13 de Novembro de 2017 o desenvolvimento da pesquisa no local citado. O projeto foi cadastrado junto ao CEP do CEULP/ULBRA com a aprovação dia 27 de Novembro de 2017. Devido à finalização do semestre e de acordo com o cronograma da pesquisa, a mesma foi realizada no ano seguinte com os alunos regularmente matriculados naquele semestre letivo.

Durante a aplicação do instrumento a proposta de pesquisa foi apresentada de forma individual aos acadêmicos que se faziam presentes no SEPSI entre os dias 26 de fevereiro e 02 de março de 2018, sendo que durante essa semana a pesquisadora intercalou os horários entre os dois turnos (matutino e vespertino) no local da pesquisa, com intuito de alcançar maior público possível. Na mesma oportunidade, foi realizada a coleta de dados a partir da aplicação individual do questionário fechado (Apêndice C) com os acadêmicos que se prontificaram a responder a pesquisa mediante a leitura e assinatura do TCLE, sendo os participantes, 3 homens e 16 mulheres. A aplicação do instrumento em conjunto a leitura do TCLE teve duração, em média, de 10 minutos.

Por fim, para o alcance dos resultados e discussões previstos, no final foi feita a análise quantitativa, com base nos índices resultantes do instrumento aplicado na coleta de dados, apresentados por meio de tabelas e gráficos. Além de uma discussão dos dados tendo como base os referenciais teóricos já citados, de modo a estabelecer relações entre as respostas dadas e a relevância da prática da psicoterapia pessoal durante a formação acadêmica.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

São apresentados nesse capítulo os dados coletados com os acadêmicos de psicologia matriculados no estágio em ênfase clínica, localizado no SEPSI, com base no instrumento referido na metodologia e a discussão acerca dele. Decidiu-se apresentar tabelas e gráficos ilustrativos para o instrumento utilizado, seguido de textos analíticos. O foco neste momento será a apresentação dos dados coletados a partir do questionário criado exclusivamente para a pesquisa em questão, respondendo sobre a relevância da prática da psicoterapia pessoal durante a formação acadêmica.

7.1 PERFIL GERAL DOS ACADÊMICOS MATRICULADOS NO ESTÁGIO CURRICULAR EM ÊNFASE CLÍNICA

Os dados apresentados na tabela e gráficos abaixo se referem ao perfil geral dos participantes do estudo em questão. Para obtenção destes resultados foram feitos levantamentos sobre o gênero dos participantes, a faixa etária, o período no qual a pessoa estava cursando, bem como suas experiências referentes à realização da psicoterapia pessoal em algum momento da vida e/ou no momento atual em que respondeu a pesquisa. Aos que afirmaram fazer psicoterapia, no momento foi feito também levantamento das motivações que os fizeram buscar por este processo, bem como aos que não realizam, que foram questionados quais os motivos que dificultam este procedimento.

Tabela 1: Perfil Geral dos acadêmicos participantes do estudo

PERFIL GERAL					
Gênero		Faixa Etária		Período que está cursando	
Feminino	Masculino	16 à 20 anos	26 à 30 anos	9°	10°
84 %	16 %	89,5 %	10,5 %	37%	64%

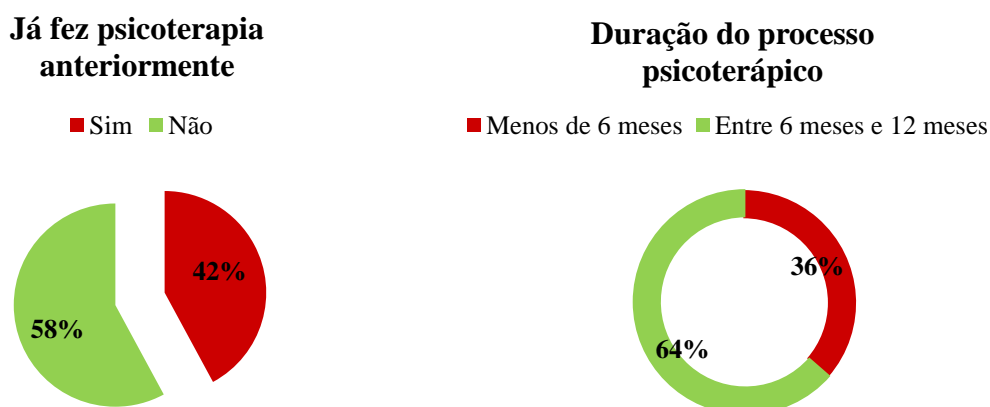
Fonte: Tabela elaborada pela autora com base nos dados coletados por meio de questionário com os alunos (MARÇO, 2018).

Responderam esta pesquisa 19 acadêmicos de psicologia matriculados no estágio em ênfase clínica. Destes, 36,8 % estavam no primeiro semestre de estágio (cursando 9° período da faculdade), e 63,2% no segundo (10° período da faculdade). 84,2% do sexo feminino e 15,8% do sexo masculino. Em relação à faixa etária, 89, 5% tinham entre 16 e 20 anos, e 10,5% entre 26 e 30 anos de idade.

Nota-se nos resultados a predominância do sexo feminino nos participantes da pesquisa. Artes e Chagas (2017) ressaltam que desde a década de 80 está inserido na literatura brasileira o predomínio das mulheres nas formações em nível superior. No entanto, a partir de uma análise que considera as diversas áreas de inserção a partir do sexo, indica maior concentração das mulheres nas profissões de menor prestígio social, sendo que estas estão diretamente ligadas ao cuidado com a saúde (como a psicologia, enfermagem, fisioterapia, entre outras) e à área da educação.

Fez-se necessário e relevante para a pesquisa, incluir nos dados de perfil geral dos participantes informações sobre a sua adesão à psicoterapia em algum momento de suas vidas e/ou no momento atual, bem como compreender a duração desse processo terapêutico nos dois períodos, dado que essas variáveis possibilitaram a compreensão mais abrangente sobre a opinião dos pesquisados em relação ao processo. É possível visualizar de forma mais clara nas figuras 1 e 2 os gráficos de resultados dessas variáveis citadas.

Figura 1: Realização da psicoterapia em algum momento da vida e a durabilidade do processo psicoterapêutico



Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

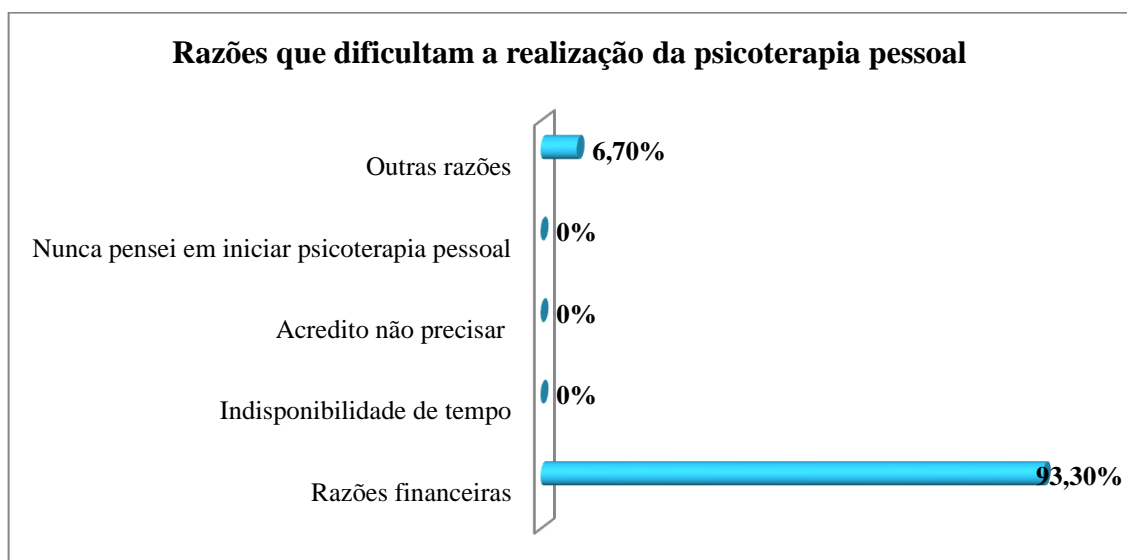
Quando questionados sobre se já haviam feito psicoterapia anteriormente, 58% dos acadêmicos responderam que não e com menor percentual (42%) responderam sim, sendo que 36% desses mantiveram-se na psicoterapia por menos de seis meses e 64% por um período de 6 a 12 meses.

Semelhantemente, na figura 2, observa-se que atualmente a adesão à psicoterapia é ainda menor, pois mais de 73% dos participantes responderam que não fazem psicoterapia no momento da pesquisa. Entre os motivos aos quais dificultam a realização da psicoterapia

peçoal, a pesquisa aponta que mais de 93% são por razões financeiras. Esses dados podem ser conferidos na figura 2.

A questão financeira ainda hoje se destaca quando se trata de se investir em psicoterapia, principalmente quando se compreende que o retorno deste processo é ao longo do tempo e conseqüentemente envolvendo muitos meses de custeio. A sociedade contemporânea está habituada ao imediatismo, ou seja, a resoluções mais rápidas para seus problemas.

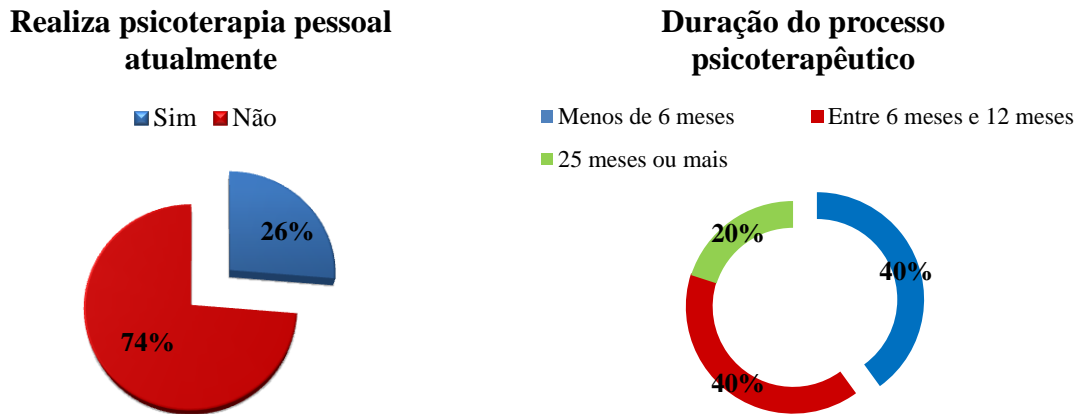
Figura 2: Razões que dificultam a realização da psicoterapia pessoal



Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

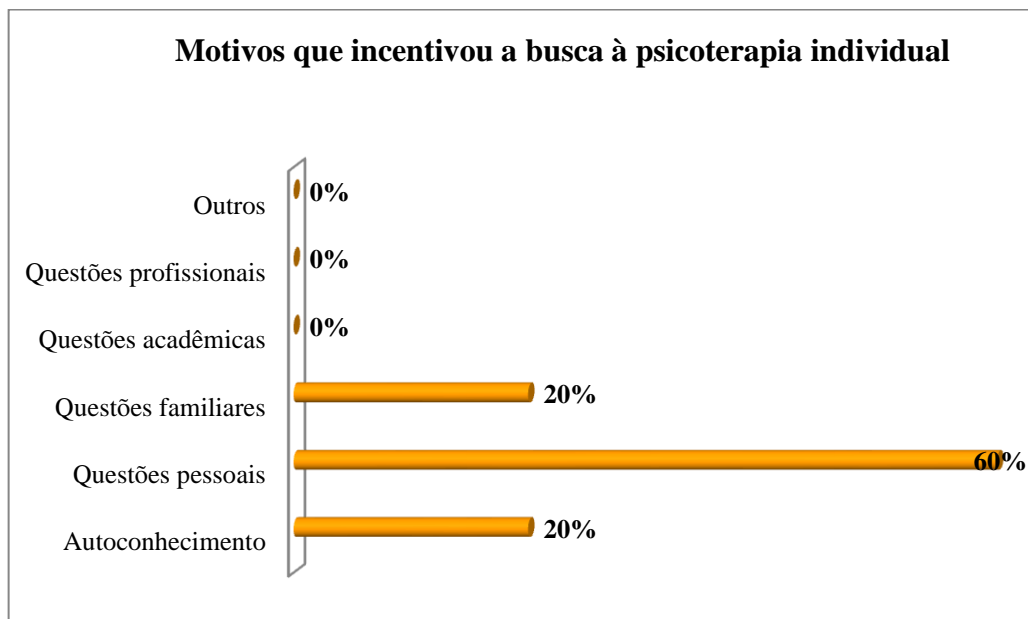
Vale salientar também, a resistência como mais um fator que dificulta a procura pela psicoterapia por parte dos acadêmicos. Ribeiro (2007) relatou que a resistência não é essencialmente um acontecimento psicoterapêutico, ou seja, ela aparece antes mesmo da pessoa entrar em contato com esse procedimento. O indivíduo resiste por natureza, como uma forma de atualização do instinto de autopreservação. “E o organismo inteligentemente segue a lei da preferência. Resistência é uma forma de contato que não pode ser destruída, mas administrada, porque ela surge como uma defesa da totalidade vivenciada pela pessoa” (RIBEIRO, 2007, p. 73). Desta forma, o indivíduo resiste à psicoterapia para não entrar em contato com seu inconsciente, que pode esconder conflitos e outros conteúdos difíceis de lidar.

Figura 3: Participante que realizam psicoterapia recentemente e a duração desse processo



Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

Figura 4: Razões as quais motivaram a recorrer à psicoterapia pessoal no momento atual



Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

Ainda na figura 3 (Ilustrada anteriormente), pode-se verificar que a menor parte dos participantes, mais especificamente, 26,30% fazem psicoterapia no momento atual, sendo que apenas 20% deles fazem há mais de 25 meses, 40% de 6 a 12 meses. Relação importante pode-se concluir a partir da junção dos resultados observáveis na figura 4, que expõe que dentre os motivos que incentivaram os acadêmicos a buscarem a terapia pessoal 60% deles foram por razões pessoais, 20% por autoconhecimento e os outros 20% por questões que envolvem a rede familiar. A busca pela psicoterapia pessoal durante a formação acadêmica destaca-se, principalmente, por questões pessoais que os acadêmicos têm interesse de

resolver/elaborar, possivelmente com o intuito de sentir-se totalmente apto a lidar com a subjetividade do outro, pois como afirma Soares e Silva (2014) neste processo implica também a subjetividade do acadêmico, que precisa estar preparado para deixá-la de lado, suspendendo qualquer tipo de julgamentos pessoais.

Kichler e Serralta (2014) constataram em uma pesquisa feita com estagiários de uma clínica escola, de que ter melhor compreensão sobre si mesmo é requisito primordial para trabalhar com a subjetividade de outras pessoas, uma vez que o processo auxilia também no reconhecimento de seus limites para o exercício profissional. Adiante serão apresentados mais dados da pesquisa que confirmam esta ideia.

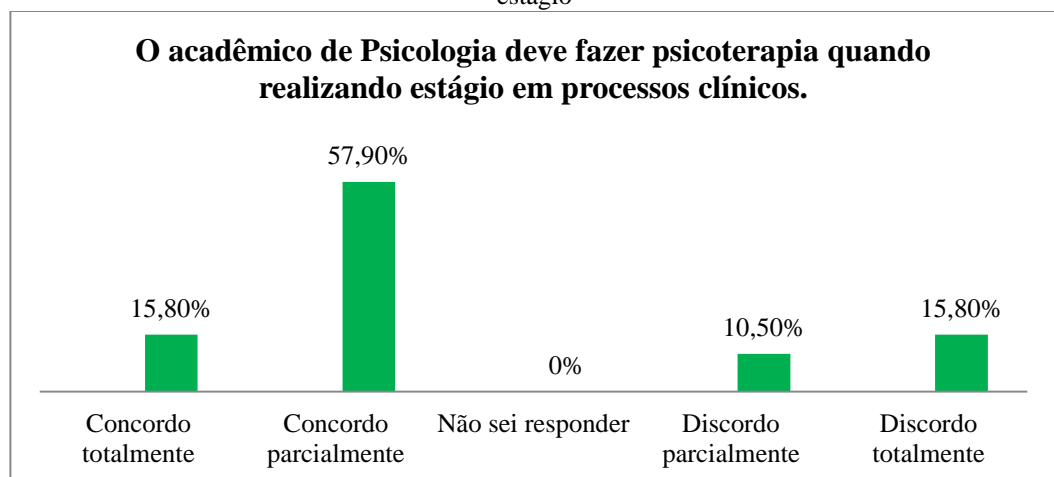
7.2 RELEVÂNCIA DA PRÁTICA PSICOTERÁPICA PESSOAL

Abaixo serão apresentados os dados sobre a relevância da prática da psicoterapia dentro do processo de formação acadêmica, visto que os dados são uma visão/percepção dos acadêmicos de psicologia. Os mesmos foram divididos em categorias:

➤ **Psicoterapia relevante para uma prática de qualidade no estágio em psicologia clínica**

Como se pode ver na figura 5, o maior percentual de respostas dos participantes (57,90%) concorda parcialmente que o acadêmico de psicologia deve realizar psicoterapia quando está fazendo estágio clínico, e 15,80% concordam totalmente. Em discordância apresentam-se somente 15,80%.

Figura 5: Percentuais sobre a relevância do acadêmico de Psicologia realizar psicoterapia durante o estágio



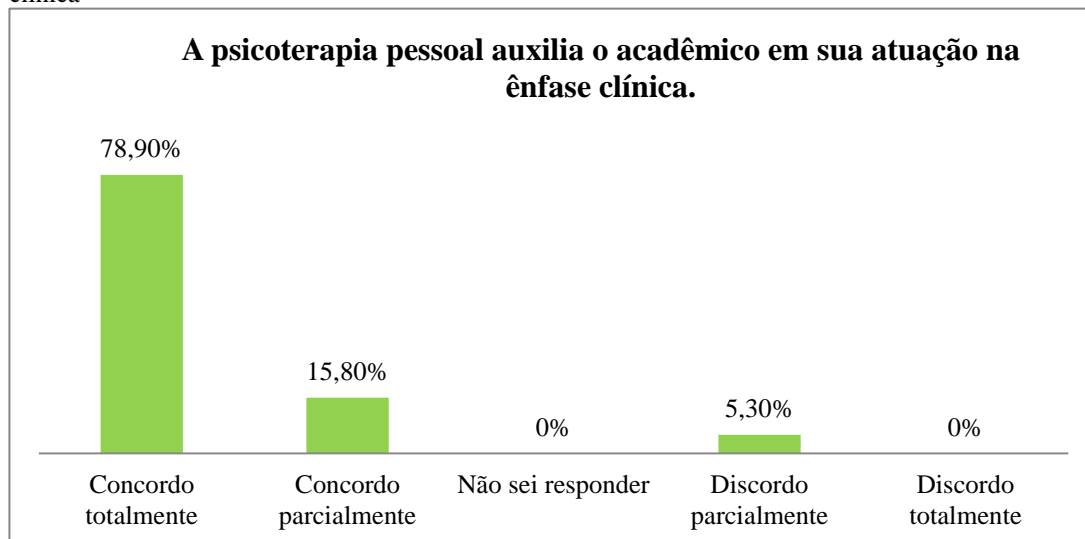
Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

Aguirre et al (2000), afirmam a relevância do acadêmico de psicologia se dispor a realizar a sua própria psicoterapia durante sua formação, principalmente, no momento em que está entrando em contato com a prática, experiência que normalmente é proporcionada via disciplinas teórico-práticas que levam o acadêmico a campo e/ou estágios que fazem parte da grade curricular mínima. Segundo Costa Jr. e Holanda (1996) o currículo mínimo considera o Estágio Supervisionado como dispositivo prático de facilitação e desenvolvimento do futuro exercício profissional.

A vivência do estagiário impreterivelmente envolve a superação de obstáculos que estão associados à sua própria insegurança e pouca experiência, fatores sempre presentes na formação profissional. Normalmente nos últimos períodos do curso, nos estágios o aluno tende a aumentar a ansiedade devido às exigências impostas (FRANCO, 2001), entretanto, a junção do saber teórico, da prática junto à supervisão e a psicoterapia pessoal será a chave para uma formação de qualidade (AGUIRRÉ et al, 2000). No entanto, o maior percentual apresentado neste gráfico é o dos que concordam parcialmente, assim de fato talvez os acadêmicos não a vejam como relevante para se tornarem bons terapeutas e sim como recomendação apenas.

Como apresentado na figura 6, 78,90% dos participantes concordam totalmente com o fato de que a psicoterapia pessoal pode ser um auxílio ao acadêmico em sua atuação no estágio em ênfase clínica, 15,80% concordam parcialmente. Isto é, os dois resultados (figura 5 e 6) estão diretamente relacionados e em conformidade com o apresentado teoricamente.

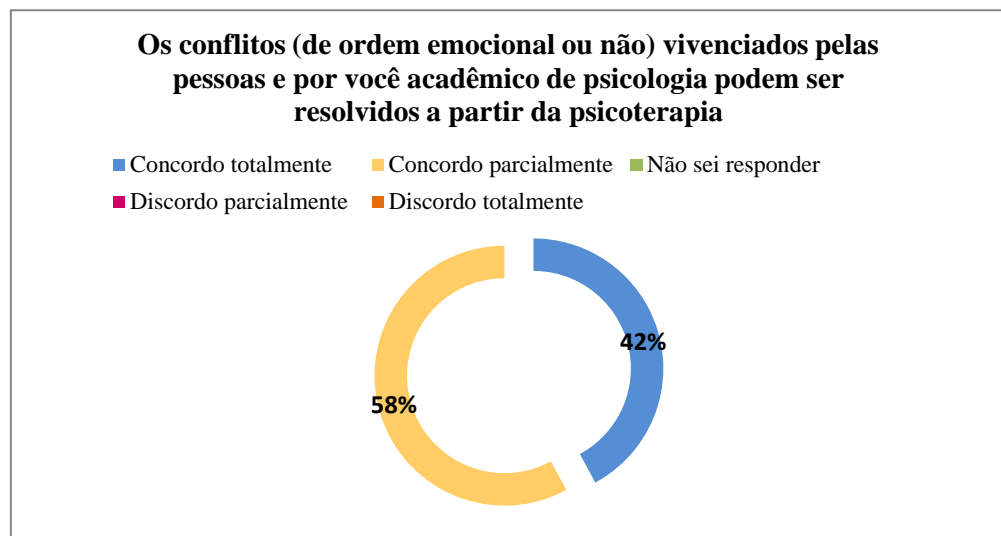
Figura 6: Percentual sobre a relevância da prática da psicoterapia como auxílio na atuação em ênfase clínica



Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

Outro dado importante que concorda com o mencionado aqui são os resultados da figura 7, sendo que 42% dos participantes concordam totalmente com o fato de que os conflitos, sejam eles de ordem emocional ou não, podem ser resolvidos com a psicoterapia, ainda 58% concordam somente de forma parcial, assim ficando evidente mais uma vez a ideia de que provavelmente não acreditam na psicoterapia como sendo totalmente eficaz.

Figura 7: Porcentagem referente à visão da psicoterapia como solução para resolução de conflitos

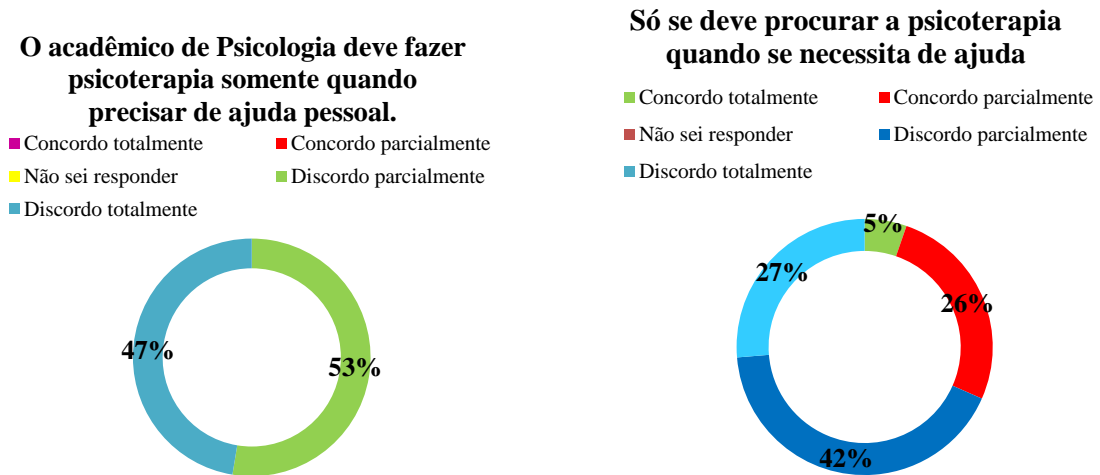


Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

Na figura 8 os pesquisados expuseram suas opiniões referentes à procura da psicoterapia por parte dos acadêmicos de psicologia e outras pessoas somente quando se necessita de ajuda, sendo que 47% discordam totalmente e 53% discordam parcialmente de que o graduando deve fazer psicoterapia somente quando precisa de ajuda pessoal. Os mesmos também discordam com esta afirmativa em relação às outras pessoas, sendo os maiores percentuais 27% que discordam totalmente e 42% parcialmente.

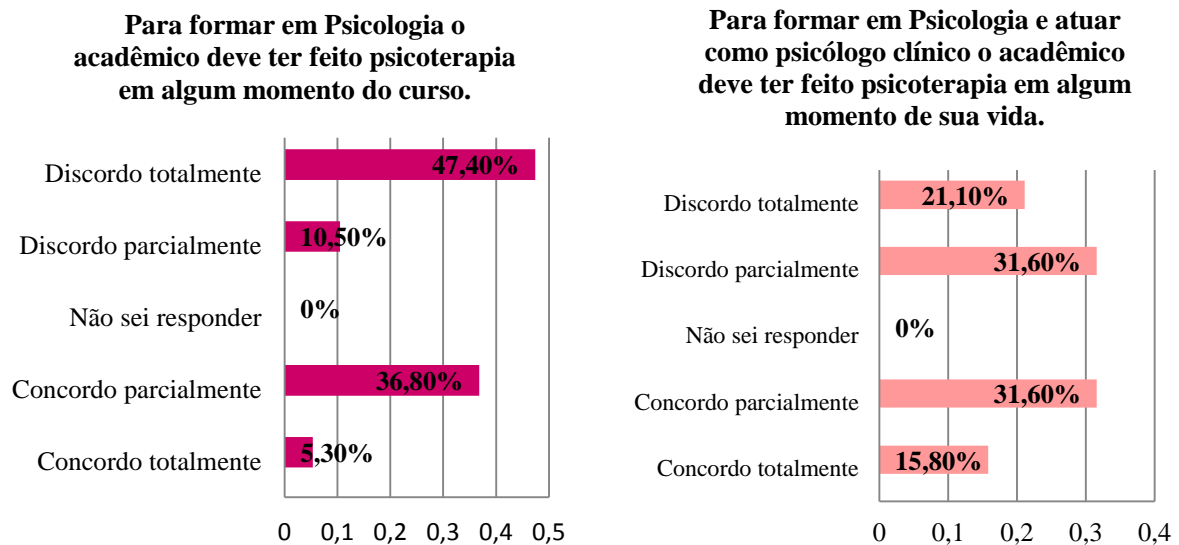
Comparando-se com o percentual de quem faz psicoterapia pessoal, nota-se uma incongruência nos resultados, pois apesar de ter consciência da importância deste processo e acreditarem ser necessário realizá-lo é somente a minoria que mantém-se em dia com os cuidados referentes à sua saúde mental.

Figura 8: Percentual referente a psicoterapia como ajuda pessoal para o acadêmico de psicologia e outras pessoas



Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

Figura 9: Percentual referente à psicoterapia pessoal como requisito para forma



Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

Complementar aos últimos resultados citados posteriormente, a figura 9 apresenta os resultados em relação ao fato de que para formar em psicologia os acadêmicos de psicologia precisa ter feito psicoterapia em algum momento do curso. Deste modo, 47,40% discordam totalmente, 10,5% discordam de forma parcial. Tendo também os 5,30% que concordam totalmente e 36,80% que concordam parcialmente.

Na mesma figura, verifica-se que 21,10% discordam totalmente e com o fato de que para formar em psicologia e atuar como psicólogo clínico o graduando deve ter feito psicoterapia em algum momento de sua vida, sendo que 31,60% concordam parcialmente e

15,80% concordam totalmente. Dados estes que corroboram à ideia que de fato a comunidade acadêmica veem a psicoterapia como acessório e não como recurso crucial para uma formação de qualidade.

No âmbito da formação e realização de estágios, inclui-se também a supervisão, que é realizada por profissionais que são especialistas na área específica do estágio. Quando questionados sobre isso, os participantes da pesquisa em questão responderam da seguinte forma (dados apresentados na figura 10), 95% concordaram totalmente e 5% concordam parcialmente, não obtendo nenhuma outra resposta nas demais categorias dispostas.

Deste modo, deve-se considerar primeiramente que o Estágio Curricular também é uma disciplina (GERMANO, 2010), que segundo Borges (2006), visa proporcionar o contato do formando com inúmeras situações e contextos, permitindo que conhecimentos, habilidades e atitudes se perfaçam em atitudes profissionais. Por outro lado, compreende-se que os ensinamentos para a construção de uma postura adequada por parte dos acadêmicos dependem também do estabelecimento de comunicação positiva entre aquele que ensina e aquele que capta (GERMANO, 2010). Assim, é possível uma troca de experiência na supervisão, sem subjugar o lugar do Mestre (professor) e o acadêmico. Essa troca se dá ao mesmo tempo entre os próprios acadêmicos, pois a supervisão viabiliza a troca de informações sobre os casos atendidos, podendo também ser observado a postura do colega em relação a tais comportamentos dos clientes, assim servindo como modelo para si próprio.

De forma geral, Roth e Pilling (2008) citado em Bartela, Fonseca e Delabrida (2014) entende-se que a supervisão é um momento de relação irrefutável e colaborativa entre supervisor e supervisionando com o intuito de desenvolvimento, ensino e aprendizagem da prática clínica. Nesse seguimento, cabe ao supervisionando relatar de forma clara e honesta todo seu trabalho, e ao supervisor dar *feedback* e orientação para facilitar o desenvolvimento das habilidades terapêuticas do supervisionando, levando em consideração a ética e comprometido com a profissão.

Borges (2006) cita Dreiblat et al, (1980) que salienta que existem inúmeros métodos para desenvolver e ampliar as habilidades clínicas, entretanto, a supervisão é a principal ferramenta disponível para essa aprendizagem. Então, Calligaris (2004, p. 124), ressaltou que “a função da supervisão de um jovem terapeuta ou analista, salvo situações catastróficas, deve ser autorizar o terapeuta, inspirar-lhe a confiança em seus próprios atos, sem a qual nenhuma cura vai ser possível”. Além disso, Aguirre et al (2000) frisa que a prática clínica supervisionada diminui a idealização dos acadêmicos quanto ao papel do cliente, ao seu

próprio papel e ao do supervisor, possibilitando assim, a internalização da postura e papel do psicólogo, isto é, o início da obtenção de uma identidade profissional.

Na supervisão, o enquadramento procura assegurar esse campo de maior confiança através do contrato de sigilo dos elementos do grupo, tanto em relação ao material dos pacientes quanto ao que acontece dentro do grupo, no sentido deste ser um bom continente para as ansiedades que emergem no trabalho, sem deixar de enfatizar a importância da psicoterapia pessoal. O aluno pode transportar para a situação de atendimento ao seu cliente um enquadramento similar ao vivenciado na supervisão, que garanta ao cliente as condições de sigilo, respeito e continência para com as dificuldades que este apresenta (AGUIRRÉ et al, 2000, s/p).

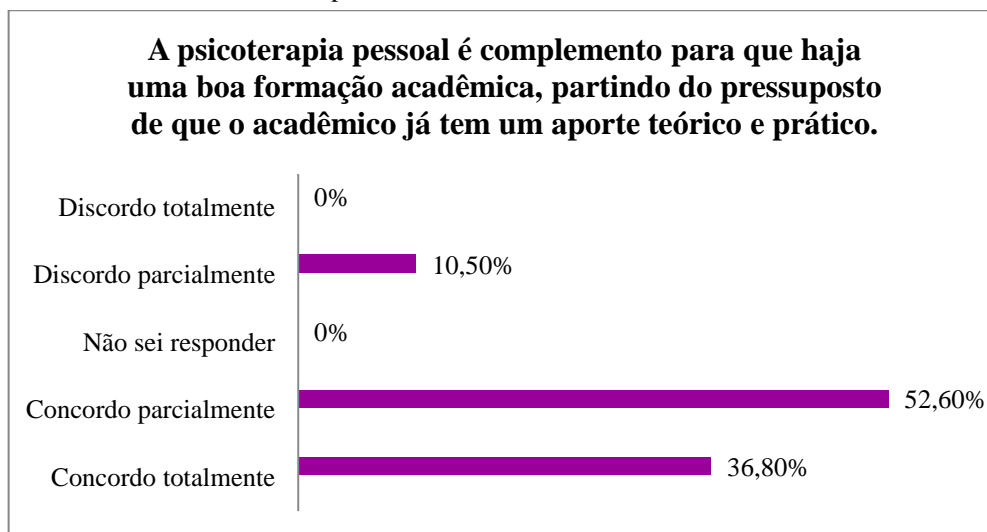
Figura 10: Porcentagem sobre a importância da supervisão clínica para os acadêmicos de psicologia



Fonte: Elaboração própria

Outro questionamento feito aos acadêmicos/estagiários durante a pesquisa foi sobre a ideia de que a psicoterapia pessoal é um complemento importante para a formação de qualidade do profissional de psicologia, levando em consideração que o mesmo carrega consigo um extenso aporte teórico e prático construído durante os anos de graduação, observa-se que 36,80% dos participantes concordam totalmente e 52,60% concordam parcialmente. Sendo que somente 10,50% discordaram parcialmente desta afirmativa.

Figura 11: Percentual da psicoterapia como complemento importante para a formação acadêmica junto aos conhecimentos teóricos e práticos



Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

Em concordância com o que foi descrito no capítulo introdutório desta pesquisa, bem como com os resultados descritos acima (na figura 11), podemos compreender que a formação, principalmente na clínica, envolve muito mais que a absorção de conteúdos teóricos e técnicos, mas perpassa por um conjunto de posicionamentos que coloca a psicoterapia pessoal como um elemento-chave, mas não o único (FERREIRA NETO; PENNA, 2006), assim sendo entendida como algo complementar, um suporte.

A formação do psicólogo ultrapassa a aprendizagem teórica e técnica, pois se relaciona mais com o desenvolvimento de uma conduta. Ou seja, “envolve um modo de ser, um modo de ver e de estar no mundo, o qual se assenta num ethos, que, resumidamente, pode ser definido como abertura a alteridade” (DUTRA, 2009, p. 61).

Além da relevância do investimento na fundamentação teórico-técnica, Moreira (2001) citado no trabalho de Boris (2008) salienta a importância da prática experimentada pelo psicoterapeuta iniciante para a sua formação profissional, e, conseqüentemente, da submissão ao seu próprio processo psicoterápico:

se o aprendiz não teve anteriormente a demanda de fazer uma psicoterapia, seguramente esta surgirá quando o terapeuta aprendiz comece o atendimento clínico. Trata-se de um momento que exige mais do que o conhecimento teórico no âmbito cognitivo; que vai mais além, incluindo o âmbito emocional e a necessidade de que o psicoterapeuta experimente um processo psicoterapêutico, com o fim de aprender sobre sua maneira de funcionar no mundo, sobre seus limites e potencialidades pessoais. Este autoconhecimento do psicoterapeuta será tão importante para seu desempenho profissional como o conhecimento da teoria e técnica da psicoterapia. Finalmente, [...] fundamental na formação do psicoterapeuta, será a supervisão, que se desenvolve na interseção dos dois momentos anteriores: o teórico e o experiencial. Trata-se do espaço de articulação entre o que o psicoterapeuta

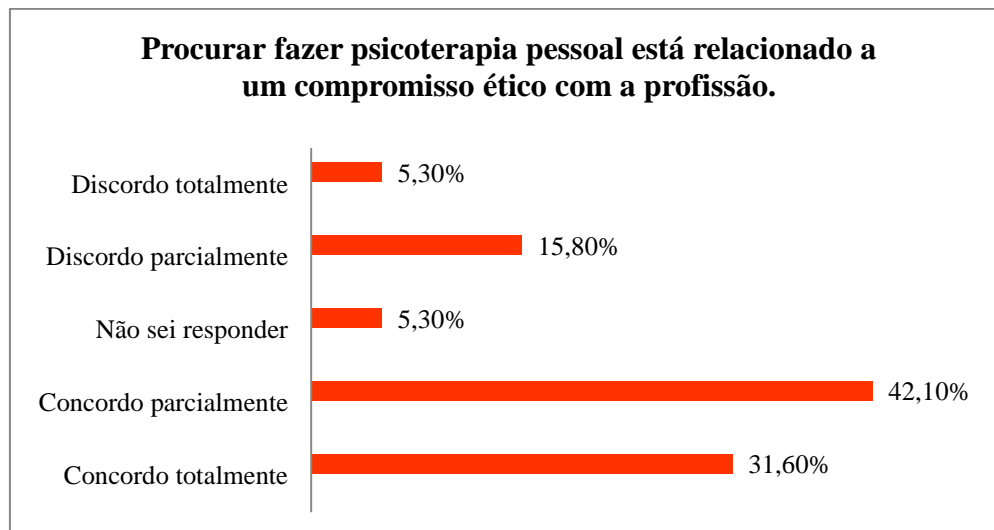
aprende e conhece sobre a teoria e seu paciente, e do que ele experimenta na relação terapeuta-paciente durante a sessão (MOREIRA, 2001, p. 311-312 citado por BORIS, 2008, p. 170).

Ferreira Neto e Penna (2006), concluíram ainda que a formação clínica ocasiona a formação de um campo de experiência que não deve ser reduzido à indicação pedagógica presente na relação entre professor e aluno, mas a formação deve-se ser entendida como constituinte de uma prática que proporciona processos de subjetivação em ambos, paciente e psicoterapeuta.

➤ **Ética com a profissão**

Na figura 12 estão distribuídos os percentuais sobre a afirmativa que diz que a busca pela psicoterapia pessoal está relacionada com compromisso ético com a profissão obteve-se os maiores percentuais (31,60% e 42,10%) em concordo totalmente e concordo parcialmente, respectivamente. Sendo que 5,30% discordaram totalmente e 15,80% discordaram parcialmente, ainda 5,30% não souberam responder.

Figura 12: Percentual relacionado à psicoterapia como um compromisso ético com a profissão



Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

Como referido por Ferreira Neto e Penna (2006) no capítulo 3 deste estudo, a prática clínica tem grande relação com ética. Os resultados apontados acima entram em concordância com este fato.

Na pesquisa desenvolvida por Ferreira Neto e Penna (2006) os supervisores participantes da mesma, relatam várias concepções do que seria a ética dentro da psicologia. Dentre elas foi destacada a ética como vinculada aos pressupostos fundamentais de cada

abordagem, como na abordagem centrada na pessoa, que a ética está relacionada a uma forma de presença junto ao cliente.

Ética, no grego *ethikós* está relacionada a costumes. Porém, Segundo Coelho Júnior (2007) ética assume um sentido muito maior de juízo e apreciação referente às condutas humanas passíveis de qualidade do bem e/ou do mal. O autor percebe a ética no sentido para além do significado etimológico. Ele ressalta que quando se pensa na atuação clínica do psicólogo a ética é uma posição de morada, postura primordial, modo de escutar e falar ao outro, de ser empático, bem como forma de abertura e respeito. E que isto não é um trabalho fácil, visto que a alteridade e a disposição a esse convívio acolhedor se caracteriza por momentos inesperados. Neste sentido, Ferreira Neto e Penna (2006) ressaltam a importância do processo psicoterapêutico do aluno envolvido com a condução de um caso clínico. Isso se evidencia pelo fato de que quando o sujeito consegue enfrentar suas próprias questões ele abre um caminho para desimpedir um pouco o percurso do outro.

O que pode justificar a discordância dos 5,30% dos participantes sobre esta temática é que outros procedimentos podem ser priorizados como tentativa de transmissão de ética, como por exemplo, leituras de artigos e técnicas especializadas, nos quais salientam problemas éticos a serem trabalhados (FERREIRA NETO; PENNA, 2006). Além de que os participantes que discordaram de alguma forma desta, podem compreender a relevância da psicoterapia em sua atuação, porém não acreditar que a mesma esteja diretamente ligada ao conceito de ética, que denota mais questões de conduta e posicionamento profissional de forma estritamente técnica.

➤ **Autoconhecimento e capacidade para lidar com o outro**

Esta categoria engloba um dos pontos bastante discutidos por vários autores durante o capítulo 5. No qual foi explicitado que a autoconsciência, ou seja, o conhecimento de si próprio ou ainda o autoconhecimento, pode ser desenvolvido com a psicoterapia. Fator este que é sumamente importante para a construção e desenvolvimento do acadêmico como futuro profissional.

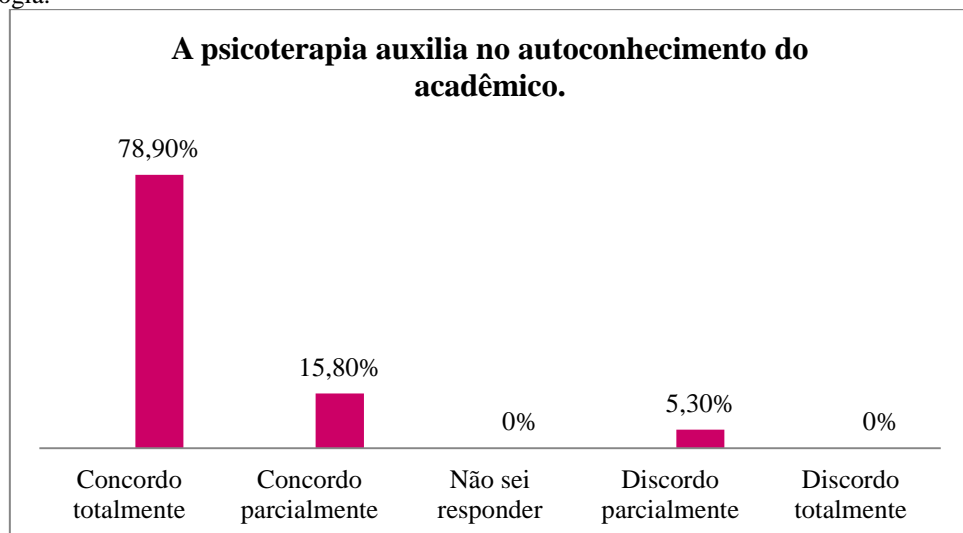
Faleiros (2004) crer que para um bom desempenho psicoterapêutico, primeiramente, é essencial que se tenha conhecimento, ou seja, plena consciência de seus problemas, evitando danos ao paciente. “Tal consciência pode ajudá-lo na sua relação com o cliente, pois é mais fácil perceber situações de conflito nos outros quando se viveu situações semelhantes, desde

que o perigo de identificação com o cliente não seja bem acentuado e possa estar sob controle” Ribeiro (1986, p. 209).

Segundo Boris (2008), a omissão da prática de seu próprio processo psicoterápico é um agravante a se considerar seriamente dentro da situação do psicoterapeuta iniciante, pois pode haver repercussões alarmantes no acompanhamento dos pacientes, como o mau manejo de sentimentos desfavoráveis e/ou negativos, tanto do psicoterapeuta quanto do paciente. Dentre outros motivos, a psicoterapia pessoal do próprio psicoterapeuta justifica-se pelo o fato de que "quanto mais nos conhecemos, melhor podemos entender, avaliar e controlar nosso comportamento e melhor compreender e apreciar o comportamento dos outros. Quanto mais familiarizados conosco mesmos, menor a ameaça que sentimos diante do que encontramos" (BENJAMIN, 1978, p. 23 apud BORIS, 2008 p. 168).

Destarte, os resultados obtidos quando os participantes foram indagados sobre essa temática compactuam com o referencial mencionado anteriormente. Isto por que 78,90% concordaram totalmente, 15,80% concordaram parcialmente e somente 5,30% discordaram de forma parcial. Veja de forma mais clara os dados na figura 12.

Figura 13: Percentuais referentes à psicoterapia como auxílio no autoconhecimento do formando em psicologia.

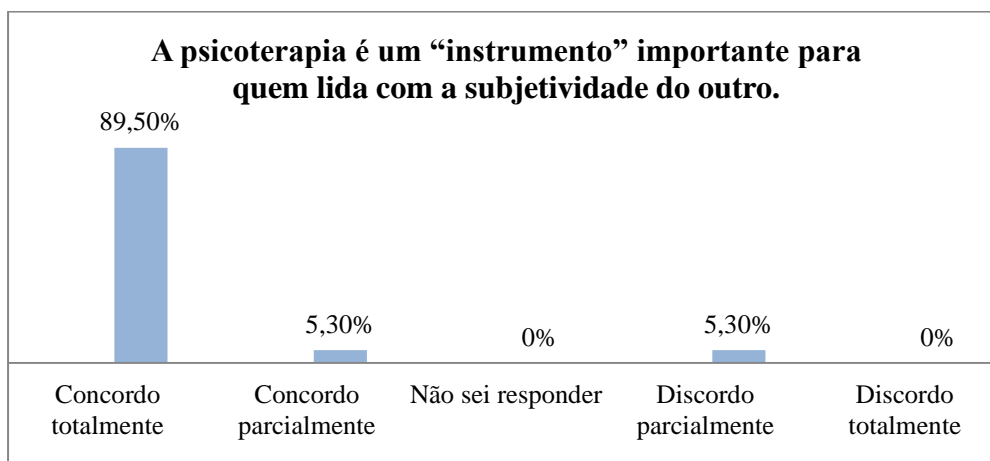


Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

Outro fator sumamente importante na formação acadêmica do psicólogo, que precisa está claramente entendido pelos alunos é o fato de que sua atuação dentro da clínica, principalmente, ele trabalha com o jeito de ser do outro, com sua história de vida, ou seja, com a subjetividade que é alheia a cada organismo. Kichler e Serralta (2014) constataram que é um requisito o autoconhecimento para trabalhar com a subjetividade de outras pessoas.

Desta forma, fez-se necessário questionar os acadêmicos com objetivo de compreender a percepção dos mesmos quanto à psicoterapia ser um “instrumento” importante para lidar com a subjetividade de cada indivíduo. Na figura 14 se pode ver que 89,50% dos participantes concordam totalmente, 5,30% concorda parcialmente e a minoria, sendo somente 5,30% discorda parcialmente.

Figura 14: Percentuais referentes à psicoterapia como “instrumento” para lidar com a subjetividade do outro

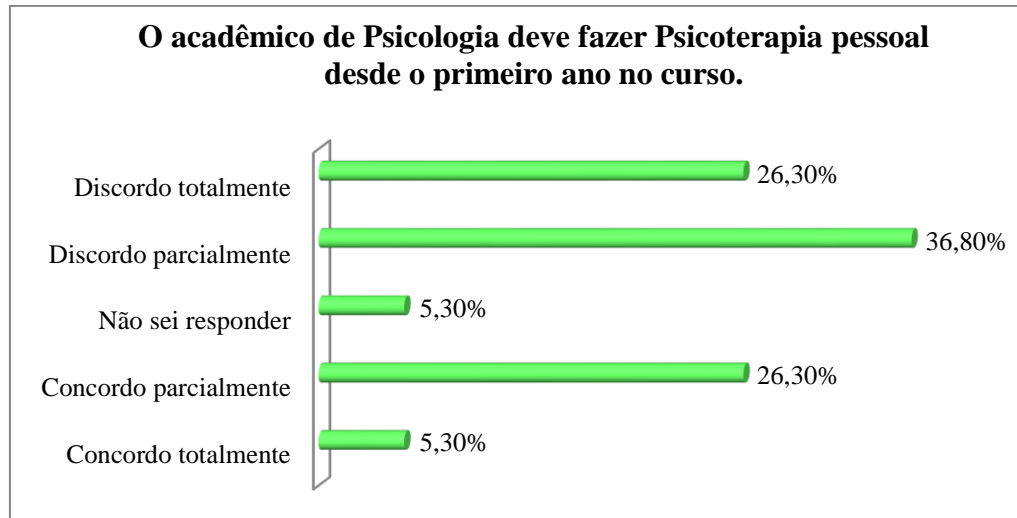


Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

Quando indagados sobre a necessidade dos acadêmicos de psicologia realizar psicoterapia pessoal desde o início do curso, 26,30% dos participantes discordam totalmente deste fato e 36,80% discordam parcialmente (dados apresentados posteriormente na figura 15), demonstrando assim a falta de conscientização que os acadêmicos de psicologia possuem sobre este processo. Acreditando que somente é importante a psicoterapia pessoal no processo final do curso.

No entanto a psicoterapia no início do curso cabe como um instrumento de avaliação da autoconsciência, visto que muitos acadêmicos podem entrar no curso com o intuito de adquirir conhecimentos para resolver seus problemas pessoais, e somente depois de um tempo percebe a não identificação com o curso e toma consciência de que necessita na verdade de submeter-se ao processo psicoterápico.

Figura 15: Percentual referente a necessidade do acadêmico de psicologia fazer psicoterapia pessoal desde o primeiro ano do curso



Fonte: Elaboração própria (MARÇO, 2018)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado aqui se apoiou no objetivo geral “descrever a relevância da psicoterapia pessoal para o processo de formação em Psicologia”. Especificamente, a pesquisa buscou compreender as percepções dos acadêmicos matriculados no estágio em processos clínicos sobre esta temática. Sendo que a partir de um questionário fechado elaborado pela pesquisadora, dividido em categorias os dados foram analisados de forma quantitativa.

Desta forma, a primeira categoria traça o perfil geral dos acadêmicos matriculados no estágio em ênfase clínica, assim foi verificado que dentre os 19 acadêmicos participantes da pesquisa somente 42% já fizeram psicoterapia anteriormente, não sendo identificado se foi durante o curso e 26% realizavam psicoterapia quando responderam a pesquisa. Então, compreende-se que a adesão ao processo psicoterapêutico é mínima por parte destes acadêmicos.

Logo, a segunda categoria que retrata a relevância da psicoterapia pessoal para formação, foi dividida em quatro partes. A primeira refere-se à psicoterapia como fator importante para uma atitude clínica, uma atuação profissional de qualidade. Compreende-se que é a partir do estágio clínico que o acadêmico tem a primeira oportunidade de colocar em prática tudo que até os últimos períodos da graduação ele absorveu através da teoria. Neste âmbito, 78,90% dos participantes concordam com o fato de que a psicoterapia é bastante relevante para durante sua atuação no estágio clínico, servindo como auxílio para as características que são exigidas e esperadas de um psicólogo. Corroborando com isto, os mesmos ainda compreendem e concordam que o cuidado de si próprio pode sim resolver os conflitos de esfera emocionais ou não.

Ainda nesta primeira parte, foi pesquisado também sobre a importância dos formandos realizarem supervisão clínica no estágio, variável está que 95% concordaram totalmente, e que acaba sendo basicamente uma complementação para o questionamento referente a não suficiência da teoria para a uma formação. Mais da metade dos participantes concordaram parcialmente com este fato. Ou seja, os alunos demonstraram até aqui que a psicoterapia é sumamente indispensável durante a formação acadêmica, principalmente, nos últimos anos do curso.

Na segunda parte, a psicoterapia pessoal foi denotada como sendo uma posição ética na profissão, pois a literatura aponta que cuidar de si próprio vai além de pensar só em você mesmo, mas se torna um compromisso com o outro, que está entregando nas mãos do psicoterapeuta suas angustias e conflitos. Novamente obteve-se a concordância dos participantes, sendo 42,10% parcialmente e 31,60% totalmente.

No que se refere à psicoterapia como fator que possibilita o desenvolvimento do autoconhecimento e habilidades de lidar com o outro, foi discutido na terceira parte da categoria citada anteriormente. Os resultados apontaram um percentual maior que 78% de concordância dos acadêmicos participantes da pesquisa. O que demonstrou a evidencia deste resultado foi também o fato de que quando responderam sobre os motivos que os levaram a buscar psicoterapia a maioria deu como resposta as questões pessoais e o autoconhecimento.

As junções de todos esses aspectos citados estão intimamente ligadas mediante a formação do psicólogo, uma vez que Aguirre et al (2000) considera que os saberes teóricos são melhor internalizados e processados a partir de uma psicoterapia pessoal que possibilite a compreensão do mundo interno e o aproveitamento dos recursos pessoais na averiguação dos processos psíquicos. A integração desses aspectos na tarefa clínica, que se resume em conhecimento teórico e o autoconhecimento, são facilitados por meio da supervisão. Então, compreende-se que o arcabouço teórico-técnico, a psicoterapia pessoal e a supervisão formam a tríade que irá propiciar ao aluno as habilidades necessárias para sua formação profissional, logo pessoal.

No entanto, considera-se que há uma carência de motivações e divulgação da temática neste aspecto. Não há no início do curso alguém que te mostre a importância deste processo, e pouco é refletido sobre o assunto quando se inicia o estágio, podendo até mesmo variar de acordo com cada supervisor de campo, assim se tornando algo mais individualista e que não promove a clarificação do assunto em longo prazo.

A partir da junção de todos esses resultados apresentados, hipóteses foram geradas com relação à importância da psicoterapia pessoal na formação dos graduandos em psicologia. É possível considerar contradição entre os resultados, pois apesar da percepção dos pesquisados evidenciarem a importância da psicoterapia, demonstrando na maior parte dos resultados acreditar que o cuidado de si contribui para a atuação no estágio, que auxilia na sua postura profissional, visto que desenvolve a autoconsciência e um olhar resiliente para com o outro, além de confirmarem a existência do compromisso ético com a profissão, observa-se a falta de adesão ao processo psicoterápico por parte da maioria dos mesmos. Além de que em dados momentos há concordância somente de forma parcialmente sobre a eficácia da psicoterapia, evidenciando assim que suas crenças em relação à mesma podem ser somente como algo a ser indicado, mas não como recurso fundamental para sua formação e boa qualidade profissional.

Diante desse estudo, uma sugestão para trabalhos futuros seria a realização de um projeto que promova a conscientização sobre o tema exposto, que pode ser realizado com uma

amostra de acadêmicos dos primeiros períodos, propiciando assim uma tomada de consciência sobre a importância da psicoterapia desde sua entrada na graduação, o que poderá resultar em acadêmicos/estagiários mais preparados e confiantes em sua atuação quando iniciar o estágio em ênfase clínica. Além disso, é necessária a continuidade de pesquisas nesta área e elaboração de artigos científicos esclarecendo o assunto, com a finalidade de colaboração para a formação dos futuros profissionais de psicologia.

Sugere-se também que as instituições que oferecem o curso de graduação em psicologia criem um núcleo de atendimento aos acadêmicos deste curso, dando oportunidade à todos de experimentar a psicoterapia. Este serviço poderia ser oferecido pelos próprios egressos do curso que disponibilizasse algumas horas semanais inocupadas para contribuir com esta ação e desta forma, ainda estaria aumentando seu leque de conhecimentos e experiências na área.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, A. M. B. et al . A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 11, n. 1, p. 49-62, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642000000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Novembro de 2017.
- ANZOLIN, C; SILVEIRA, A. Falando de Psicologia: entrevista com Guilherme Valle. **Psicologia Argumento**, v. 21 n. 33, abril-junho, p. 11-15, 2003.
- ARTES, A; CHÁGAS, F. D. A presença de mulheres no ensino superior brasileiro: uma maioria sem prestígio. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11; Women's Worlds Congress, 13, Florianópolis. Anais... p. 1-12, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1496748817_ARQUIVO_fazendogenero_final.pdf. Acesso em: 03 de março de 2018.
- BARLETTA, J. B; FONSECA, A. L. B; DELABRIDA, Z. N.C. A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo comportamental. **Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 3, p. 153-167, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000300013>. Acesso em: 03 de abril de 2018.
- BRASIL. Ministérios da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprovar diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59-62. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 12 de Dezembro de 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Parecer nº cne/ces 1.314 de 07 de Novembro de 2001. Diretrizes curriculares para o curso de graduação em Psicologia. Brasília, DF. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1314.pdf>> Acesso em: 13 de Novembro de 2017.
- BOFF, L. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ. Vozes, 1999.
- BOENTE, A; BRAGA, G. **Metodologia científica contemporânea**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.
- BORIS, G. D. J. B. Versões de sentido: um instrumento fenomenológico-existencial para a supervisão de psicoterapeutas iniciantes. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 165-180, 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 11 de Novembro de 2017.
- BORGES, M. C. A construção de um psicoterapeuta: formação e habilidades. Rio de Janeiro, RJ, 2006. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO Centro Universitário UnirG – UnirG. Disponível em: < <http://www.unirg.edu.br/>>. Acesso: 26 de Outubro de 2017.
- CALLIGARIS, C. **Cartas a um jovem terapeuta**: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CHAVES, A. M. 30 anos de regulamentação. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 12, n. 2, p. 4-9, 1992. Acesso em: 30 de Outubro de 2017.

CARDELLA, B. H. P. **A construção do psicoterapeuta: uma abordagem gestáltica.** São Paulo: Summus, 2002.

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA. Disponível em: <http://ulbra-to.br/>. Acesso em: 24 de Outubro de 2017.

COELHO JUNIOR, N. E. Ética & técnica em psicologia: Narciso e o avesso do espelho. **Rev. Dep. Psicol.** Niterói, v. 19, n. 2, p. 487-493, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP. Lei nº 4.119, de 27 de Agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de Psicólogo. Brasília, DF. Disponível em: < http://site.cfp.org.br/leis_e_normas/lei-n-4-119-de-27-08-1962/> Acessado em: 13 de Novembro de 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP. Resolução 010/00 de 20 de dezembro de 2000. Especifica e qualifica a Psicoterapia como prática do Psicólogo, Disponível em: < https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2000/12/resolucao2000_10.pdf> Acesso em: 02 de novembro de 2017.

COSTA JR., A. L; HOLANDA, A. F. Estágio em psicologia: discussão de exigências e critérios para o exercício de supervisor de estágio. Brasília, **Psicologia ciência e profissão**, v. 16, n. 2, p. 1-9, 1996. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931996000200002>. Acesso: 25 de abril de 2017.

DAVIDOFF, L. L. **Introdução à psicologia.** 3ª ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

DIMENSTEIN, M. D. B. O psicólogo nas unidades básicas de saúde: desafios para a formação e atuação profissionais. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 1, p. 53-81, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n1/a04v03n1.pdf> Acesso em: 04 de Novembro de 2017.

DUTRA, E. Parâmetros técnicos e éticos para a formação do psicoterapeuta: alguns apontamentos. In: **Conselho Federal De Psicologia. Ano da psicoterapia: Textos Geradores.** Brasília, DF, 2009.

Esperidião, E; Munari, D. B; Stacciarini, J. M. R. Desenvolvendo pessoas: estratégias didáticas facilitadoras para o autoconhecimento na formação do enfermeiro. **Rev. Latino-am Enfermagem**, v. 10, n.4, p. 516-22, julho-agosto 2002.

Faculdade Católica Dom Orione – FACDO. Disponível em: < <https://www.catolicaorione.edu.br/>>. Acessado em: 26 de Outubro de 2017.

Faculdade Integrada de Ensino Superior de Colinas – FIESC. Disponível em: < <http://uniesp.edu.br/sites/colinas/>>. Acessado em: 26 de Outubro de 2017.

- FALEIROS, E. A. Aprendendo a Ser Psicoterapeuta. **Psicologia ciência e profissão**, v. 24 n. 1, p. 14-27, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a03.pdf>>. Acesso: 08 de fevereiro de 2018.
- FRANCO, S. L. R. Estudantes de Psicologia, eficácia adaptativa e a psicoterapia como medida preventiva em saúde mental. **Mudanças – Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, v. 9, n. 16, p. 41-63, 2001.
- FERREIRA NETO, J. L; PENNA, L. M. D. Ética, clínica e diretrizes: a formação do psicólogo em tempos de avaliação de cursos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p.381-390, mai./ago. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a16>> Acesso em: 02 de Novembro de 2017.
- FERNANDES, E.; MAIA, A. C. Impacto do exercício de psicoterapia nos psicoterapeutas. **Análise Psicológica**, Portugal, v. 26, n. 1, p. 47-58, 2008.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981 - 1982). Trad. Márcio Alves da Fonseca. 3º ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- GERMANO, Z. Reflexões sobre uma experiência de supervisão em psicoterapia de orientação analítica. **Psicologia: Ensino e formação**, Rondônia, v. 1, n 2, p. 9-21, 2010.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, W. B. A Relevância da Pesquisa na Formação do Psicoterapeuta: Autonomia e Qualificação Profissional. **Temas em Psicologia: Ensino, Formação e Orientação**. Ribeirão Preto, nº 1, p. 83-93, 1995. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v3n1/v3n1a08.pdf>> Acesso: 02 de Novembro de 2017.
- Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos – ITPAC. Disponível em: < <https://www.itpac.br/>> Acessado em: 26 de Outubro de 2017.
- Kichler, G. F; Serralta , B. F. As Implicações da Psicoterapia Pessoal na Formação em Psicologia. **Psicologia**, Universidade do Vale do Rio dos SinosSão Leopoldo, RS, Brasil, v. 45, n. 1, p. 55-64, jan.-mar., 2014.
- MAROTTI, et al. Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**: São Paulo, v. 20, n. 2, p. 186-94, maio-ago., 2008.
- MACHADO, J. L. M; CALDAS, A; BERTONCELLO, N. M. F. Uma nova iniciativa na formação dos profissionais de saúde. **Interface: comunicação, saúde, educação**. Botucatu – SP, v. 1, n. 1, p. 147-156, 1997.

MARTINS, K. P. H; MATOS, T. G. R; MACIEL, R. H. M. O. Formação em psicologia e as novas demandas sociais: relato dos egressos da Universidade de Fortaleza. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 1023-1042, set. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 de Novembro de 2017.

MELLO, S. L. Currículo: quais mudanças ocorreram desde 1962? **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 9, n. 1, p.16-18, 1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498931989000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 de Outubro de 2017.

MEIRA, C. H. M. G; NUNES, M. L. T. Psicologia Clínica, Psicoterapia e o Estudante de Psicologia. **Paidéia**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p.339-343, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000300003>. Acesso em: 02 de Novembro de 2017.

MONZANI, E. E. O cuidado com o cuidador. **Centro de Psicoterapia Existencial**, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.psicooexistencial.com.br/o-cuidado-com-o-cuidador/>>. Acesso em: 30 de maio de 2018.

MOURA, C. B. Avaliação de uma experiência com o ensino de habilidades clínicas para alunos do primeiro ano de Psicologia. **Rev. Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 16, n. 1, p. 17-34, janeiro/abril 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v16n1/03.pdf>> Acesso em: 15 de Novembro de 2017.

PETERSEN, M. Cuidado de si e do outro. X congresso nacional de educação, PUC-Paraná. 2011. Disponível em:<http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5898_3584.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2018.

RIBEIRO, J. P. A Resistência Olha a Resistência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23 n. especial, p. 073-078, 2007.

RIBEIRO, J. P. **Teorias e Técnicas Psicoterápicas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

ROCHA JÚNIOR, A. **Currículos de Psicologia**: uma análise crítica. Dissertação de Mestrado. Universidade Mackenzie, São Paulo, 204 p, 1996.

ROCHA JÚNIOR, A. Das discussões em torno da formação em Psicologia às diretrizes curriculares. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 3-8, 1999. Disponível em:<http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Editora/Revista_Psicologia/Teoria_e_Pratica_Volume_1_-_Numero_2/art01.PDF>. Acesso: 27 de outubro de 2017.

SILVEIRA, D. T; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: SILVEIRA; D. T; GERHARDT, T. E. (Org). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, p. 120, 2009.

SOARES, E; SILVA, K. C. A importância da psicoterapia pessoal para a formação do acadêmico em psicologia. **Portal Educação**, Itapatinga/MG, 2014. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-importancia-da-psicoterapia-pessoal-para-a-formacao-do-academico-em-psicologia/56832>>. Acesso em: 02 de Novembro de 2017.

Universidade Federal do Tocantins - UFT. Disponível em: <http://ww2.uft.edu.br/>. Acesso: 26 de Outubro de 2017.

VAN KOLCK, O. L. O exercício da psicoterapia no Brasil. **Revista Interamericana de Psicologia**: São Paulo. v. 9, p. 1-2, 1975.

VELLOSO, E. D. Psicologia Clínica no Brasil. **Arq. bras. Psic**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 21-36, jan./mar., 1982.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa sob o título “**A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA DA PSICOTERAPIA PESSOAL DURANTE A FORMAÇÃO: uma percepção dos acadêmicos de psicologia de uma instituição de ensino superior privada de palmas – TO**”. Eu, **Tátyla Rayane Barbosa de Souza**, sou estudante de Psicologia e responsável pela pesquisa, orientada pelo professor Hudson Eygo Soares Mota. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato comigo por telefone (63) 99931-8743 e com o orientador da pesquisa, no telefone: (63) 99114-5885. Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida como, também, de pedir qualquer esclarecimento sobre questões éticas aplicadas a pesquisa, no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEPCEULP, telefone: (63) 3219-8076.

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a relevância da prática da psicoterapia pessoal durante a formação acadêmica, na visão dos acadêmicos de psicologia que fazem ênfase clínica em uma instituição de ensino superior privada de Palmas – TO. Acreditamos que a mesma pesquisa seja importante, pois esse estudo possibilitará aos participantes uma reflexão sobre o tema proposto, tanto daqueles que já fazem a psicoterapia quanto aos que ainda não deram início. Tal pesquisa poderá sugerir um meio de conscientização e incentivo à prática psicoterápica pessoal dos acadêmicos de psicologia, visando melhor formação dos futuros profissionais de psicologia.

Para a coleta de dados será realizada à aplicação de um questionário fechado de construção livre, que terá como objetivo levantar o perfil dos acadêmicos de psicologia em relação à prática da psicoterapia, bem como identificar a relevância para os mesmos dessa prática durante o processo da formação acadêmica.

Assinatura do Participante

Tátyla Rayane Barbosa de Souza

Acadêmica-pesquisadora

Hudson Eygo Soares Mota

Pesquisador Responsável

É possível que você vivencie algum incomodo ou constrangimento em responder alguma questão presente no questionário. Você pode, a qualquer momento, se recusar a participar da pesquisa e solicitar a retirada de suas informações do material produzido. É minha responsabilidade manter sigilo absoluto de seus dados pessoais, garantir sua privacidade e anonimato, tal qual está descrito na resolução do Conselho Nacional de Saúde CNS nº 466/12. As suas informações pessoais serão mantidas em absoluto sigilo, e quando utilizados os dados para fins acadêmicos, estes serão divulgados de forma coletiva, sem expor suas características individuais.

Essa pesquisa não trará custo financeiro ao participante. Caso o participante se sinta prejudicado comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial, o mesmo será encaminhado pelo pesquisador responsável para a rede de atendimento do SUS. Não há nenhum tipo de gratificação remunerada pela sua participação nesta pesquisa, pois se trata de uma ação voluntária.

Após análise dos dados obtidos, a pesquisadora acadêmica apresentará estes resultados à instituição SEPSI e CEULP/ULBRA, tendo zelo com as informações, sempre visando o sigilo, uma vez que os dados poderão contribuir para que possam emergir reflexões, como por exemplo, de que forma a psicoterapia favorece o desenvolvimento e autoconhecimento do ser humano, logo uma melhor prática profissional.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizado. Os dados e os instrumentos utilizado da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra assegurada para o sujeito participante.

Assinatura do Participante

Tátyla Rayane Barbosa de Souza

Acadêmica-pesquisadora

Hudson Eygo Soares Mota

Pesquisador Responsável

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA
PESQUISA

Eu _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a acadêmica pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

CONTATOS:

Tátyla Rayane Barbosa de Souza

Endereço: 405 Sul, AL 18A, LT 08

CEP: 77015-614 Palmas-TO.

E-mail: tatylar.souza@gmail.com

Telefone: (63) 99931-8743

Hudson Eygo Soares Mota

Telefone: (63) 99114-5885

E-mail: Hudson.mota@ceulp.edu.br

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas –
CEPCEULP**

Endereço: Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul Palmas - TO CEP 77.019-900

Telefone: (63) 3219-8076 E-mail: etica@ceulp.edu.br

APÊNDICE B – DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, Hudson Eygo Soares Mota, abaixo assinado, pesquisador responsável envolvido no projeto intitulado: **“A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA DA PSICOTERAPIA PESSOAL DURANTE A FORMAÇÃO ACADÊMICA: uma percepção dos acadêmicos de psicologia de uma instituição de ensino superior privado de Palmas - TO”**, DECLARO estar ciente de todos os detalhes inerentes à pesquisa e **COMPROMETO-ME** acompanhar todo o processo, prezando a ética tal qual exposto na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS nº 466/12 e suas complementares, assim como atender os requisitos da Norma Operacional da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP nº 001/13, especialmente, no que se refere à integridade e proteção dos participantes da pesquisa. **COMPROMETO-ME** também a anexar resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais. Por fim, **ASSEGURO** que os benefícios resultantes do projeto retornarão aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa.

Palmas, 09 de Novembro de 2017.

Hudson Eygo Soares Mota

Psicólogo – CRP 12/16593

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS

DATA DA APLICAÇÃO: ____ de _____ de 2018.

QUESTIONÁRIO FECHADO
RELEVÂNCIA DA PRÁTICA DA PSICOTERAPIA EM ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA

PERFIL DO ACADÊMICO	
GENERO	<input type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO <input type="checkbox"/> TRANSEXUAL <input type="checkbox"/> OUTROS
FAIXA ETÁRIA	<input type="checkbox"/> 16 A 20 anos <input type="checkbox"/> 21 A 25 anos <input type="checkbox"/> 26 a 30 anos <input type="checkbox"/> 31 a 35 anos <input type="checkbox"/> 36 anos ou mais
PERÍODO DO CURSO	<input type="checkbox"/> 7º <input type="checkbox"/> 8º <input type="checkbox"/> 9º <input type="checkbox"/> 10º
ANO DE CONCLUSÃO DO CURSO	<input type="checkbox"/> 2018/1 <input type="checkbox"/> 2018/2 <input type="checkbox"/> 2019/1 <input type="checkbox"/> 2019/2

QUESTIONÁRIO

1 – VOCÊ FAZ TERAPIA?
<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
<i>OBS.: Caso tenha respondido “Não” na questão 1, pule pra questão 4.</i>
2 – CASO TENHA RESPONDIDO “SIM” NA QUESTÃO 1, QUANTAS VEZES JÁ FEZ PSICOTERAPIA?
<input type="checkbox"/> 1 VEZ <input type="checkbox"/> 2 VEZES <input type="checkbox"/> 3 VEZES
3 – POR QUANTO TEMPO FEZ PSICOTERAPIA DA ÚLTIMA VEZ?
<input type="checkbox"/> MENOS DE 6 MESES
<input type="checkbox"/> ENTRE 6 MESES E 12 MESES
<input type="checkbox"/> ENTRE 13 MESES E 18 MESES
<input type="checkbox"/> ENTRE 19 MESES E 24 MESES
<input type="checkbox"/> 25 MESES OU MAIS
4 – ATUALMENTE VOCÊ FAZ PSICOTERAPIA?
<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
<i>OBS.: Caso tenha respondido “Não” na questão 4, pule para a questão 8.</i>
5 – CASO TENHA RESPONDIDO “SIM” NA QUESTÃO 4, HÁ QUANTO TEMPO FAZ PSICOTERPIA?
<input type="checkbox"/> MENOS DE 6 MESES
<input type="checkbox"/> ENTRE 6 MESES E 12 MESES
<input type="checkbox"/> ENTRE 13 MESES E 18 MESES
<input type="checkbox"/> ENTRE 19 MESES E 24 MESES
<input type="checkbox"/> 25 MESES OU MAIS

6 – CASO TENHA RESPONDIDO “SIM” NA QUESTÃO 4, O QUE TE MOTIVOU A BUSCAR A PSICOTERAPIA?
<input type="checkbox"/> AUTOCONHECIMENTO
<input type="checkbox"/> QUESTÕES PESSOAIS
<input type="checkbox"/> QUESTÕES FAMILIARES
<input type="checkbox"/> QUESTÕES PROFISSIONAIS
<input type="checkbox"/> QUESTÕES ACADÊMICAS
<input type="checkbox"/> NÃO SEI OPINAR
<input type="checkbox"/> OUTROS Qual(is): _____
7 – CASO TENHA RESPONDIDO “SIM” NA QUESTÃO 4, O QUE TE MOTIVOU A BUSCAR PSICOTERAPIA?
<input type="checkbox"/> FAMILIARES
<input type="checkbox"/> AMIGOS
<input type="checkbox"/> PROFESSORES DO CURSO DE PSICOLOGIA
<input type="checkbox"/> PROFISSIONAIS DA SAÚDE QUE NÃO SEJA PSICÓLOGO
<input type="checkbox"/> NÃO HOUVE INDICAÇÃO
<input type="checkbox"/> OUTROS Qual(is): _____
8 – CASO TENHA RESPONDIDO “NÃO” NA QUESTÃO 4, POR QUE VOCÊ NÃO FAZ PSICOTERAPIA?
<input type="checkbox"/> RAZÕES FINANCEIRAS
<input type="checkbox"/> INDISPONIBILIDADE DE TEMPO
<input type="checkbox"/> NÃO ACREDITO QUE NECESSITO DE PSICOTERAPIA
<input type="checkbox"/> NUNCA PENSEI EM INICIAR UMA PSICOTERAPIA
<input type="checkbox"/> OUTRAS RAZÕES Qual(is): _____

LEIA AS AFIRMAÇÕES ABAIXO E MARQUE COM “X” A OPÇÃO COM A QUAL SE IDENTIFICA.

- 1- Os conflitos (de ordem emocional ou não) vivenciados pelas pessoas e por você acadêmico de psicologia podem ser resolvidos a partir da psicoterapia.
- Concordo totalmente
 Concordo parcialmente
 Não sei responder
 Discordo parcialmente
 Discordo totalmente
- 2- Só se procura a psicoterapia quando se necessita de ajuda.
- Concordo totalmente
 Concordo parcialmente
 Não sei responder
 Discordo parcialmente
 Discordo totalmente

3- O acadêmico de Psicologia deve fazer psicoterapia somente quando precisar de ajuda pessoal.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não sei responder
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

4- A psicoterapia auxilia no autoconhecimento do acadêmico.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não sei responder
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

5- A psicoterapia é um “instrumento” importante para quem lida com a subjetividade do outro.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não sei responder
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

6- A psicoterapia pessoal auxilia o acadêmico em sua atuação na ênfase clínica.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não sei responder
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

7- Acadêmicos de Psicologia em formação precisa fazer supervisão clínica.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não sei responder
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

8- A psicoterapia é complemento para que aja uma boa formação acadêmica, partindo do pressuposto de que o acadêmico já tem um aporte teórico e prático.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não sei responder
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

9- Procurar fazer psicoterapia pessoal está relacionado a um compromisso ético com a profissão.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não sei responder
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

10- Para formar em Psicologia e atuar como psicólogo clínico o acadêmico deve ter feito psicoterapia em algum momento de sua vida.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não sei responder
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

11- Para formar em Psicologia o acadêmico deve ter feito psicoterapia em algum momento do curso.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não sei responder
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

12- O acadêmico de Psicologia deve fazer Psicoterapia desde o primeiro ano no curso.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não sei responder
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

13- O acadêmico de Psicologia deve fazer psicoterapia quando realizando estágio em processos clínicos.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não sei responder
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente